

GOVERNADOR DO ESTADO

FLÁVIO DINO DE CASTRO E COSTA

SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

FELIPE COSTA CAMARÃO

SECRETÁRIA ADJUNTA DE ENSINO

NÁDYA CHRISTINA GUIMARÃES DUTRA

SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

SILVANA MARIA GUIMARÃES MACHADO BASTOS

SUPERVISÃO DE ENSINO MÉDIO

LUDMILLA FURTADO MORAIS

SUPERVISÃO DE CURRÍCULO

ALBELITA LOURDES MONTEIRO CARDOSO

SUPERVISÃO DE AVALIAÇÃO

PEDRO ALCANTARA

SUPERVISÃO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

AKEMI WADA

ASSESSORAS SAE

PATRÍCIA MESQUITA E FRANCISCA PASSOS

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”. Paulo Freire

CARTA AOS EDUCADORES MARANHENSES

Caros/as Professores/as, Gestores/as e Supervisores/as,

A gestão do Governo do Estado apresenta como nosso maior compromisso fazer do Maranhão uma terra com justiça e com igualdade social, eliminando situações inaceitáveis de sofrimento do nosso povo. Nosso governo tem como orientação propor mudanças e virar a página, começando um novo capítulo da nossa história. Neste processo, a educação se apresenta como um instrumento que contribui não somente para a superação das metas estabelecidas, mas se constitui como elemento fundamental na perspectiva de melhoria da qualidade de vida da população maranhense.

Assim, as orientações constituídas neste caderno pedagógico têm como finalidade subsidiar os profissionais da educação em relação ao constante planejar e replanejar das ações escolares. O que apresentamos traduz-se por um esforço desta gestão para orientar as escolas legalmente, a fim de que cumpram seu papel social de desenvolver as aprendizagens discentes em todo o território maranhense em prol de uma educação pública de qualidade social, que respeite a diversidade, que trabalhe na perspectiva da inclusão social e encaminhe o Maranhão para o futuro.

Apresentamos um projeto educativo que tem como foco a aprendizagem dos estudantes, a expansão de oferta educacional, a valorização dos profissionais da educação, a formação integral que prioriza os seres humanos em seu valor único e coletivo, enfim, um projeto que transforma nossa educação numa educação digna para o povo maranhense diante do país e do mundo.

Portanto, acreditamos que apesar das dificuldades conjunturais, somente com um esforço coletivo, conseguiremos mudar a face da educação no Estado. É dando voz e vez para quem de fato constitui a escola pública no Maranhão – seus professores, profissionais, familiares, estudantes, comunidade local – que conseguiremos alcançar esses objetivos.

FIAVIO DINO

Governador do Estado do Maranhão

SUMÁRIO

	p.	
1	POR UMA ESCOLA DIGNA	5
2	PROGRAMA FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO	6
2.1	Princípios norteadores	7
2.1.1	<i>Educação Integral</i>	8
2.1.2	<i>Protagonismo Juvenil.....</i>	8
2.1.3	<i>Projeto de Vida – Mundo do Trabalho / Opção Acadêmica</i>	9
2.1.4	<i>Iniciação Científica e Tecnológica</i>	10
2.1.5	<i>Inclusão, Diversidade e Modalidades</i>	11
2.1.6	<i>Escola Democrática como centro do fazer pedagógico</i>	12
3	A LÍNGUA PORTUGUESA COMO ÁREA DE CONHECIMENTO CURRICULAR ...	13
3.1	O Campo literário	18
3.2	O Campo político cidadão	18
3.3	O Campo investigativo	19
4	MATRIZ CURRICULAR – ENSINO MÉDIO.....	19
5	ORGANIZAÇÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA	32
5.1	Tudo começa no Planejamento	37
5.2	Reflexão e Avaliação do Ensino Médio	39
5.2.1	<i>Observação Investigativa</i>	41
5.2.2	<i>Registro / Fichas</i>	42
5.2.3	<i>Prova Objetiva</i>	42
5.2.4	<i>Prova Subjetiva (ou Dissertativa)</i>	43
5.2.5	<i>Seminário</i>	43
5.2.6	<i>Trabalho em grupo</i>	44
5.2.7	<i>Debate</i>	45
5.2.8	<i>Relatório ou Produções</i>	45
5.2.9	<i>Autoavaliação</i>	46
5.2.10	<i>Conselho de Classe</i>	47
5.3	Recursos Didáticos	47
	REFERÊNCIAS	52

A educação formal escolarizada é um direito coletivo que precisa ser universalizado com qualidade social. Os indicadores de qualidade educacional apontam desafios significativos que se acirram no decorrer do tempo para toda a nação e principalmente para o Maranhão, que é um dos estados com cenário merecedor de ampliada atenção.

Não obstante as ações já implementadas e que têm apresentado resultados significativos no que se refere à melhoria na qualidade da educação ofertada ao povo maranhense, faz-se necessário continuar avançando. Trazendo ao indivíduo meios de contribuição para uma educação voltada para clareza e discernimento do ser humano, protagonizando um adulto formador dentro de uma sociedade carente de saberes, índices de qualidade e desenvolvimento.

Nesse sentido, o Governo do Estado do Maranhão instituiu o Programa Escola Digna, que se apresenta como política educacional que visa a institucionalizar as ações da Secretaria de Educação em eixos estruturantes, dando unidade em termos de concepção teórica e metodológica para o desenvolvimento das práticas pedagógicas e que vão além da estruturação física das escolas.

Assim, a Escola Digna tem como objetivos:

- ✓ Implementar, coordenar e avaliar ações voltadas para o desenvolvimento de uma política curricular, visando envolver técnicos e equipes escolares na implementação de mudanças no Ensino Médio que possibilitem garantir a todos os estudantes aprendizagem de qualidade, na perspectiva integral;
- ✓ Propor, acompanhar e avaliar ações de formação continuada dos profissionais da rede estadual e das Secretarias Municipais, fortalecendo o regime de colaboração entre Estado e Municípios;
- ✓ Propor ações de formação, de apoio pedagógico e de assessoria para elaboração de orientações curriculares tendo em vista garantir o fortalecimento da qualidade da educação pública do Estado do Maranhão;
- ✓ Orientar, propor ações, acompanhar e avaliar o processo de institucionalização da escolha de gestores das unidades escolares;
- ✓ Propor, orientar e acompanhar o processo de avaliação institucional e de aprendizagem, tendo em vista a melhoria da qualidade de aprendizagem dos estudantes;

✓ Propor ações pedagógicas que orientem um novo olhar para o ensino e aprendizagem por meio das mediações tecnológicas, a fim de apresentar a pesquisa como princípio metodológico das práticas pedagógicas.

A política Escola Digna adotada no Estado do Maranhão tem como um dos princípios o fortalecimento da gestão democrática de acordo com as bases legais para essa democratização, com a consolidação do exercício cidadão de toda a comunidade escolar, principalmente na tomada de decisões para o alcance de uma efetiva educação de qualidade.

A escola digna contempla as ações educacionais a partir dos eixos de acordo com a estrutura abaixo:



2 PROGRAMA DE FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO

De acordo com a história da educação em nosso país, o Ensino Médio foi marcado por atendimento exclusivo de preparação de uma pequena elite para os estudos universitários e que, somente a partir do final do século XX, surgiram as primeiras iniciativas de universalização dessa etapa, como foco das políticas educacionais de diferentes países, dentre eles o Brasil. A problemática que envolve a ampliação do acesso ao Ensino Médio é um fenômeno relativamente novo e que tem recebido ao longo dos anos menos atenção que a Educação Primária e Fundamental.

Embora os problemas do Ensino Médio estejam relacionados, em parte, à má qualidade do Ensino fundamental que o antecede, várias questões relacionadas à formação da juventude, à transição para o mercado de trabalho, à desigualdade de oportunidades e às questões do conteúdo para esse nível de ensino ampliam as discussões e debates dos

diversos profissionais que atuam em educação, todos em busca de estratégias diferenciadas para alcance melhorias.

Segundo o artigo 22 da LDB, a Educação Básica tem por finalidade, “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Nesse sentido, o Ensino Médio, como última etapa da educação básica, propõe a preparação para o trabalho e a cidadania do educando como ações a serem desenvolvidas por um currículo diversificado, planejado em consonância com as características sociais, culturais e cognitivas dos adolescentes, jovens e adultos, possibilitando o desenvolvimento pleno de suas potencialidades.

Atendendo a essa expectativa e visando cumprir gradativamente o proposto pelo Plano Nacional de Educação em sua meta 3, que busca a universalização do Ensino Médio para jovens entre 15 a 17 anos, como um grande desafio no âmbito das políticas públicas em educação, justifica-se o presente documento como eixo orientador das ações propostas para o Ensino Médio na rede estadual de ensino, buscando integrar as ações formativas direcionadas aos professores deste nível ensino, além de propor um caderno com sugestões de alinhamento curricular para ações pedagógicas desenvolvidas nas instituições escolares.

E para subsidiar as ações, buscaram-se os princípios norteadores do fazer pedagógico em prol do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Desta forma, temos:

2.1 Princípios norteadores



2.1.1 Educação Integral

A Educação Integral é um princípio geral para toda Educação Básica, uma concepção que compreende a educação como forma de garantir o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões: intelectual, física, emocional e cultural.

Realizar uma educação integral não é apenas estabelecer maior quantidade de tempo e espaço aos estudantes na escola, e sim ressignificar o espaço educativo com práticas escolares qualitativamente diferentes e integralizadas que proporcionem aos educandos o reconhecimento de si e do universo em que vivem, atuando como sujeitos e protagonistas das transformações sociais. Desta forma, a rede de ensino do Estado Maranhão defende e prioriza a educação integral nos seguintes pontos:

- é uma proposta contemporânea, alinhada as demandas do século XXI, e tem como foco a formação de sujeitos críticos, autônomos e responsáveis consigo mesmos e com o mundo;
- é inclusiva, porque reconhece a singularidade dos sujeitos, suas múltiplas identidades e se sustenta na construção da pertinência do projeto educativo para todos;
- é uma proposta alinhada com a noção de sustentabilidade, porque se compromete com processos educativos contextualizados e com a interação permanente entre o que se aprende e o que se pratica;
- promove a equidade ao reconhecer o direito de todos a aprender e acessar oportunidades educativas diferenciadas e diversificadas a partir da interação com múltiplas linguagens, recursos, espaços, saberes e agentes, condição fundamental para o enfrentamento das desigualdades educacionais.

2.1.2 Protagonismo Juvenil

Pensar em uma escola digna é também estimular, incentivar a partir do currículo escolar o **protagonismo juvenil** como princípio estruturante no desenvolvimento da formação de lideranças e participação social.

O Protagonismo Juvenil que propomos para a educação maranhense tem como objetivo possibilitar aos nossos estudantes situar-se, intervir e adaptar-se às constantes mudanças que ocorrem em ritmo acelerado na dinâmica social, nos âmbitos tecnológico, econômico, social e cultural, de forma crítica e consciente de seus direitos e deveres enquanto cidadão.

“Protagonismo juvenil é a participação do adolescente em atividades que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária; igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sociocomunitário” (Costa, 1996:90)

O desenvolvimento da autonomia deve ser o eixo central do Protagonismo Juvenil e este deve ultrapassar os limites da individualidade, ampliando-se para o coletivo. Ao mesmo tempo, os espaços educacionais devem ser compreendidos como múltiplos, ultrapassando os muros das escolas e atingindo outros espaços de referência, como organizações sociais, movimentos sociais etc. O jovem deve ser estimulado a participar dos diferentes grupos sociais, assim como envolver-se em diversas ações que exijam desse estudante várias capacidades para atuar nos contextos de forma dinâmica e criativa.

A escola, como instituição social formadora e com um currículo amplo, tem papel determinante em articular e desenvolver ações pedagógicas que estimulem nos estudantes o seu protagonismo. A formação deste protagonismo deve ser vinculada ao currículo escolar, através das diferentes áreas do conhecimento, traduzidas em práticas e vivências que enriqueçam sua preparação para a vida, para o mundo do trabalho e para a construção de valores éticos, morais, de respeito e de responsabilidade social.

Nesse sentido, compreende-se que o professor possui papel fundamental como articulador das relações do (a) adolescente consigo mesmo (a), com seus pares e com as situações por ele (a) vividas. Portanto, o protagonismo juvenil enseja a participação ativa do jovem dentro de todo o projeto educativo, desde a sua construção até a sua execução, com o suporte de seus educadores.

Desse modo, pensar o Ensino Médio de qualidade demanda compreender o protagonismo como catalisador do empoderamento dos múltiplos sujeitos da comunidade escolar no processo de construção e produção de conhecimento, com vistas à transformação da realidade social, por intermédio da escola como espaço democrático e participativo.

2.1.3 Projeto de Vida - Mundo do Trabalho / Opção Acadêmica

Como etapa final da Educação Básica, o Ensino Médio tem, dentre suas finalidades, a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo,

de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade às novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores-

A partir dessas aprendizagens, o estudante de Ensino Médio tem elementos para elaborar um projeto de vida que inclua vários aspectos funcionais: prosseguir nos estudos no nível superior, inserção no mundo do trabalho, preparação técnica para aprimoramento profissional, e o que mais ousar sonhar para sua vida. Dessa forma, competências básicas deverão ser construídas; dentre elas aprender a ser, conhecer e conviver com os outros, ser solidário e construir um futuro mais igualitário.

Assim, o Ensino Médio precisa considerar o passado, refletir sobre o presente visando à projeção de um futuro cada vez melhor, pois tudo que temos de produção humana vem do trabalho e resulta no trabalho enquanto produto da vida social. Segundo Leandro Konder (2000, p.112): “Não há sociedade sem trabalho e sem educação”. São categorias históricas indissociáveis.

2.1.4 Iniciação Científica e Tecnológica

A pesquisa científica torna-se hoje indispensável para a vida, pois a sobrevivência numa sociedade da informação requer habilidades de busca orientada e tratamento dos insumos da comunicação midiática e científica. O uso das Tecnologias da Comunicação e Informação deve fazer parte dessa realidade de construção acadêmica do aprendiz, como ferramenta educacional e aplicada no seu dia a dia, no sentido de incluí-lo no mundo dos saberes.

Assim, para atuar no mundo moderno, há necessidades do aprendiz desenvolver diversos saberes, entre eles: capacidade de pensar e aprender com tecnologias; pesquisar, coletar informações, analisá-las, selecioná-las; criar, formular e produzir novos conhecimentos. Desta forma, é imprescindível que o professor esteja atento às constantes exposições dos alunos às informações, percebendo que a aprendizagem não acontece somente por meio do livro didático, mas também pela convergência de tecnologias e mídias. Além do impacto positivo sobre a aprendizagem, podemos destacar que o estudante envolvido com iniciação científica adquire conquistas imensuráveis, dentre elas:

- Aproximação com professores e disciplinas que têm maior simpatia e aptidão, concretizando a flexibilidade curricular, pois o currículo não se apresenta como estrutura rígida e intransponível;

- Apropriação de bibliografias, de forma crítica e analítica, o que desenvolve as capacidades de leitura e escolhas de posicionamentos teóricos;
- Aprende com maior autonomia, sabendo tomar decisões quando surgirem dificuldades;
- Desenvolve capacidade de criar o “novo” e aplica conhecimentos de forma colaborativa e com autoria;
- Seleciona informações relevantes nas fontes digitais e bibliográficas.

A pesquisa se transforma em um princípio pedagógico, ganhando mais sentido de ser diante de uma situação de aprendizagem problematizadora e investigativa. Em conformidade com as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (Resolução CNE/CEB - 2012, p. 197)¹, as unidades escolares devem orientar a definição de toda proposição curricular fundamentada *“na pesquisa como princípio pedagógico, possibilitando que o estudante possa ser protagonista na investigação e na busca de respostas em um processo autônomo de (re)construção de conhecimentos”*.

2.1.5 Inclusão, Diversidades e Modalidades

O movimento mundial em direção aos sistemas educacionais inclusivos indica uma relação escolar plural e unitária, voltada para a construção da cidadania, dos direitos fundamentais, do respeito à pluralidade e à diversidade étnica, de gênero, de classe social, de cultura, linguística, cognitiva, de crença religiosa e de orientação política. Ao compreender a escola nesta perspectiva, resgata-se seu caráter democrático através da adoção do compromisso legal com a oferta da educação de qualidade para todos, na qual a diversidade deve ser entendida e valorizada como elemento enriquecedor da aprendizagem e dinamizador do desenvolvimento pessoal e social.

O conceito de diversidade é inerente à educação inclusiva e evidencia que cada educando possui uma maneira própria e específica de absorver experiências e construir conhecimentos. Nesse contexto, novos conhecimentos teóricos se fazem necessários, uma vez que se defendem a estrutura e o funcionamento escolar com práticas pedagógicas que favoreçam condições de aprendizagens a todos/as, considerando o gênero, raça/etnia,

¹BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2012. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, Seção 1, p.10,24/01/2012. Resolução nº 02, de 30 de janeiro de 2012.

condição social, econômica, ritmos de aprendizagens, condições cognitivas ou quaisquer outras situações.

Pensar do ponto de vista da diversidade implica em enfrentar o desafio de aprender a respeitar as diferenças, de exercitar o diálogo, ultrapassar as barreiras, vencer os preconceitos e construir uma sociedade mais justa e solidária. Está relacionado com as aspirações dos povos e das pessoas à liberdade para exercer sua autodeterminação. Está ligado ainda à aspiração de democracia e à necessidade de administrar coletivamente realidades sociais que são plurais e de respeitar as liberdades básicas. A diversidade é também vista como uma estratégia para adaptar o ensino aos estudantes. (SACRISTÁN, 2002).

Propor um Ensino Médio de qualidade que atenda as Modalidades e Diversidades significa romper com o paradigma linear do currículo que, independente da obrigatoriedade do atendimento comum expressa na Base Nacional, Diretrizes e Matrizes, importa pensar e garantir um Ensino Médio que contemple, inclua e considere os diferentes estudantes que compõem o espaço de sala de aula em cada território do Estado do Maranhão.

Dessa forma, o currículo não deve ser pensado para atender uma parcela dos estudantes, mas principalmente respeitar a diversidade existente no espaço escolar, promovendo atividades de acessibilidade curricular pautadas nas metodologias da contextualização e transversalidade, retratando um currículo integrado.

Com o objetivo de equiparar as oportunidades para todos é que a Rede Estadual de Ensino propõe a construção de uma escola que defenda a equidade e vislumbre mudança conceitual na área da educação, com vistas à defesa e promoção do exercício do direito à educação, à participação e à igualdade de oportunidades de todos/as os/as adolescentes, jovens, adultos e idosos.

2.1.6 *Escola democrática como centro do fazer pedagógico*

A escola precisa ter como eixo de trabalho central o processo de aprender e de ensinar, com uma atuação mediadora, cujo ponto de partida e de chegada é a prática social dos estudantes, de acordo com as Diretrizes Curriculares do Estado do Maranhão.

Nesse sentido, é importante que todos os sujeitos integrantes da equipe escolar desenvolvam uma postura crítica, reflexiva e participativa, atuando em função da aprendizagem integral de todos os estudantes.

A Gestão Escolar é um processo pedagógico por excelência, sustentado pelo conhecimento da legislação educacional brasileira, pelo diagnóstico da realidade da escola

para a definição dos objetivos e metas que compõem o planejamento escolar e, assim, colaborar para o fortalecimento das ações de participação da comunidade escolar e local nas decisões, buscando soluções e alternativas que viabilizem a melhoria do funcionamento da instituição de ensino para cumprir sua função, que é promover o desenvolvimento das aprendizagens.

Conceber a escola democrática como foco é entender a importância dos sujeitos na construção de conhecimentos, da localidade como ponto de partida, da cultura socialmente produzida que faz com que a escola não tenha “muros” mas seja “ponte” entre o que se vive e o que é reconhecido como o conhecimento formal.

O trabalho pedagógico deve partir da escola para o mundo, numa relação dialética, em que o mundo é construído por cada sujeito nele inserido, na perspectiva da transformação social. Nessa perspectiva, estudos que envolvam o empreendedorismo, iniciativas inusitadas, capacidade de idealizar, coordenar e realizar projetos, serviços, negócios e relações interpessoais são importantes no cotidiano escolar no trato curricular.

3 A LÍNGUA PORTUGUESA COMO ÁREA DE CONHECIMENTO CURRICULAR

O ensino da Língua Portuguesa, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), deve estar voltado para a função social da língua. Esta é requisito básico para que a pessoa ingresse no mundo letrado, para que possa construir seu processo de cidadania e, ainda, para que consiga se integrar à sociedade de forma ativa e a mais autônoma possível.

Nesse aspecto, para ser considerado competente em Língua Portuguesa, o estudante precisa dominar habilidades que o capacitem a viver em sociedade, atuando, de maneira adequada e relevante, nas mais diversas situações sociais de comunicação. Para tanto, o estudante precisa saber interagir verbalmente, isto é, precisa ser capaz de compreender e participar de um diálogo ou de uma conversa, de produzir textos escritos, dos diversos gêneros que circulam socialmente.

Ler e escrever, por suas particularidades formais e funcionais, são também competências mais especificamente desenvolvidas no ambiente escolar. Tanto os textos escritos de uso mais familiar (como o bilhete, a carta), quanto os textos de domínio público (como o artigo, a notícia, a reportagem, o aviso, o anúncio, o conto, a crônica etc.) são objeto do estudo sistemático na escola.

Daí a importância de promover-se o desenvolvimento, no estudante, da capacidade de produzir e compreender textos dos mais diversos gêneros e, em diferentes situações comunicativas, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral.

Leitura e escrita como práticas sociais no ENSINO MÉDIO

No nosso dia a dia, lemos com os mais diferentes propósitos: para nos informar sobre as atualidades, localizar endereços e telefones, fazer uma receita, saber como vão as pessoas que estimamos, nos divertir ou emocionar, tomar decisões, pagar contas, comprar algo, entre outros. E escrevemos para distintos interlocutores, com diferentes intenções, nas mais variadas situações: para relatar como estamos para pessoas distantes, solicitar algo, reclamar de alguma coisa, nos lembrarmos daquilo que temos de comprar, prestar contas do nosso trabalho, anotar um recado para alguém, entre muitas outras ações. São ações que podem e devem ser aprendidas, traduzidas em comportamentos – de leitor e de escritor – que precisam ser ensinados. Claro que é necessário aprender o sistema de escrita e seu funcionamento, contudo, essa aprendizagem pode ocorrer em situações mais próximas das situações reais e com a utilização de textos de verdade – que comunicam e que foram feitos para leitores.

Trata-se então de trazer para dentro da escola a escrita e a leitura que acontecem fora dela. Trata-se de incorporar, na rotina, a leitura feita com diferentes propósitos e a escrita produzida com diferentes fins comunicativos para leitores reais. Enfim, trata-se de propor que a versão de leitura e de escrita presente na escola seja a mais próxima possível da versão social e que, assim, nossos alunos sejam verdadeiros leitores e escritores.

Por essa razão, o mais importante no trabalho dos professores, é a utilização da escrita e da leitura nas diversas atividades pedagógicas em sala de aula. Assumimos assim, que o texto, é o ponto de partida e de chegada do processo de letramento dos estudantes seja ele falado ou escrito em qualquer área do conhecimento.

Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas, uma vez que as habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola. Ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento histórico construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimento. Ensinar é ensinar a ler para que o aluno se torne capaz dessa apropriação, pois o conhecimento acumulado está escrito em livros, revistas, jornais, relatórios, arquivos. Ensinar é ensinar a escrever porque a reflexão sobre a produção do conhecimento se expressa por escrito (QUEDES E SOUSA, 2006. p.15)

A proposta letramento apresentada para a área de Língua Portuguesa resgata a função social do conhecimento, utilizando assim, da variedade textual que circulam na sociedade, como afirma Geraldini apud Neves(2006). O específico da aula de Português é o trabalho com texto, considerado unidade básica do ensino da Língua Portuguesa, pautado nos quatro eixos da língua: linguagem oral, prática de leitura, prática de escrita e na análise e reflexão da língua.

Nas avaliações de sistema e em outras atividades de avaliação escolar tudo parte da leitura. O ensino da leitura precisa ser realizado em todas as etapas da educação básica e os textos a serem selecionados precisam ser autênticos, de interesse e de ampliação do repertório cultural dos estudantes, nesse sentido torna-se imprescindível trazer textos para a escola que circulam na sociedade.

Para se trabalhar a leitura é na escola é importante planejar momentos para a construção de sentido, seja ela feita pelo estudante ou por você professor, que envolvam a explicitação e o confronto de opiniões, interpretações ou sentimentos.

Assim, as atividades de construção de sentido realizadas após a leitura (imediatamente, em momentos posteriores – algumas horas depois, no dia seguinte, etc.) poderão contemplar a troca de opiniões com os colegas sobre a leitura de textos variados. Por exemplo, no caso dos textos literários, os alunos podem comentar sobre a descrição de alguns personagens, a relação entre eles, suas motivações ou intenções, a relação entre o comportamento dos personagens e o desenvolvimento da trama (ou seja, o tema central da história), indo além da exposição das impressões e sentimentos que o texto lhes proporcionou num primeiro momento. Para o ensino da leitura quatro dimensões devem ser consideradas pelos professores:

- A leitura para atender a diferentes finalidades e refletir sobre o contexto em que o texto a ser lido foi produzido;
- A leitura para estimular o desenvolvimento de habilidades de leitura;
- A leitura para explorar os recursos linguísticos dos textos;
- E a leitura para refletir acerca das temáticas dos textos;

No contexto escolar devem ser estabelecidas algumas finalidades para o ensino da leitura, como afirma Solé (1998), precisa ajudar os estudantes a desenvolverem estratégias de compreensão como:

- Proporcionar momentos diários para que os alunos tenham contato com diferentes portadores de texto (jornais, revistas, livros informativos, folhetos, cartazes) e aprendam a conviver em um ambiente letrado e de valorização da leitura.
- Planejar momentos de leitura envolvendo textos de diferentes gêneros, para que os alunos ouçam e comecem a perceber algumas características desses gêneros.
- Propor situações de leitura por você e pelos estudantes com diferentes propósitos para que eles possam ampliar suas competências leitoras, tais como: ler rapidamente títulos e subtítulos até encontrar uma informação, selecionar uma informação precisa, ler minuciosamente para executar uma tarefa, reler um trecho para retomar uma informação ou apreciar aquilo que está escrito. Isso, sempre com sua ajuda e, inicialmente, de forma coletiva ou em grupo.
- Planejar atividades nas quais os alunos possam, com sua ajuda, fazer uso de indicadores (como o autor, o gênero, o assunto, o tipo de ilustração, o portador – se é um livro, uma revista ou um jornal, por exemplo) para aprender a antecipar o conteúdo do texto, inferir aquilo que está escrito e ampliar suas possibilidades de interpretá-lo.
- Planejar momentos nos quais os alunos possam trocar ideias e opiniões, expor seus sentimentos. Recomendar um texto para que aprendam a comunicar aquilo que compreenderam do texto e suas interpretações – sempre com sua ajuda e, inicialmente, de forma coletiva ou em grupo. Propor situações em que os alunos sejam convidados a ler um texto para aprimorar suas estratégias de busca e localização de informações em diferentes fontes escritas (jornais, revistas, enciclopédias, livros).
- Planejar situações nas quais os alunos tenham de ler em voz alta, para que consigam adquirir maior fluência na leitura, respeitando pontuação, entonação e ritmo. Participar de situações de leitura silenciosa para aprender a utilizar de forma cada vez mais autônomas estratégias de leitura – a decifração, a seleção, a antecipação, a inferência e a verificação.
- Propor atividades de leitura por você e pelos alunos (individual ou coletivamente) para que eles aprendam a inferir o significado de uma palavra pelo contexto ou a procurar o significado dela no dicionário – somente quando este for fundamental para a compreensão do texto.

- Planejar momentos nos quais os alunos possam ler e, ou, ouvir a leitura de textos por você e, assim, aprender a reconhecer o valor da leitura como fonte de fruição estética e entretenimento.

- Propor atividades nas quais os alunos adquiram autonomia para eleger aquilo que irão ler e, assim, passem a construir critérios próprios de escolha e preferência literária. Planejar situações de empréstimo de livros do acervo da classe ou da escola para que os alunos aprendam a ter cuidado com os livros e demais materiais escritos, levando-os, sempre que possível, para casa.

Segundo a BNCC cabe a Língua Portuguesa proporcionar aos/às estudantes experiências que contribuam para o desenvolvimento do letramento (ou dos letramentos), entendido como a condição de participar de uma diversidade de práticas sociais permeadas pela escrita o que implica no contato com larga variedade de textos, em práticas diversas de uso da língua.

A diversidade de textos e práticas devem gradativamente ser ampliadas, constituindo-se novos desafios. Nesse sentido, os textos que articulam o verbal, o visual, o gestual, o sonoro, o tátil, que constituem o que se denomina multimodalidade de linguagens, devem também ser considerados nas práticas de letramento.

No Ensino Médio, o componente curricular Língua Portuguesa – a exemplo dos demais componentes – precisa lidar com o agravamento da fragmentação do conhecimento dentro de seu próprio componente. Essa fragmentação é desafio a ser enfrentado com atividades pedagógicas integradoras que contenham práticas de escrita, práticas com a literatura e estudos sobre a língua.

A integração é um fundamento também para o componente nos eixos de leitura, escrita e oralidade, de modo que as práticas de leitura auxiliem as de escrita e essas, por sua vez, sejam enriquecidas pelos estudos sobre a língua. Por outro lado, é importante ressaltar que estudos de natureza teórica – sobre a língua, sobre a literatura, sobre a norma padrão - não devem ser tomados como um fim em si mesmo, eles devem estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam, aos/às estudantes, ampliar suas capacidades de uso da língua.

Os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de Língua Portuguesa no Ensino Médio estão organizados em quatro eixos: oralidade, leitura, escrita e conhecimentos sobre a língua e sobre a norma padrão. Além desses eixos, consideram-se os campos de atuação

nos quais as práticas de linguagem se realizam. São três os campos de atuação no Ensino Médio: literário, político-cidadão e investigativo.

Segundo a BNCC a organização por campos de atuação corresponde a três importantes dimensões de formação do sujeito do Ensino Médio: uma formação estética, que envolve o contato com o literário; uma formação para o exercício mais direto da cidadania, que envolve a condição de se inteirar dos fatos do mundo, opinar e agir sobre eles; uma formação que contempla a produção do conhecimento e a pesquisa.

3.1 O campo literário

Envolve as práticas com textos que possibilitem a fruição de produções literárias e favoreçam experiências estéticas. São prerrogativas eminentes deste campo:

- A leitura do texto literário deve estar no centro das aulas de literatura, reposicionando os estudos teóricos. Importa, em primeiro lugar, que os/as estudantes envolvam-se em dinâmicas diversas de leitura que lhes possibilitem país. Essa formação envolve vincular os textos lidos ao seu contexto de produção - e aí entram, por exemplo, os estudos históricos e deve possibilitar que o/a estudante reflita, no interior das práticas de leitura, sobre o próprio processo de constituição da literatura brasileira. Esse percurso não pode ser feito sem a leitura de autores do cânone ocidental, sobretudo da literatura portuguesa.
- As práticas de leitura do texto literário devem envolver reflexão em torno das escolhas linguístico-discursivas e estéticas envolvidas na tessitura de um texto.

3.2 O campo político-cidadão

Envolve especialmente a abordagem de textos jornalísticos, publicitários, das esferas jurídica e reivindicatória, contemplando temas que impactam a cidadania e o exercício de direitos. Nesse campo os estudantes devem:

- construir hipóteses fundamentadas sobre as possíveis intenções dos textos e sobre como o texto dialoga com seu contexto de produção (como um texto assume ou rompe com ideologias; como incorpora discursos, vozes sociais);
- avaliar escolhas de natureza macroestrutural (como a ordenação dos componentes que estruturam gêneros de tipologias diversas) e seus efeitos de sentido;

- avaliar escolhas de natureza microestrutural (como a utilização de determinado tempo verbal, de uma construção na voz passiva, de uma representação metafórica etc.) e seus efeitos de sentido.

3.3 O campo investigativo

Possibilita conhecer os gêneros, a linguagem e as práticas relacionadas ao estudo, à pesquisa e à divulgação científica, favorecendo a aprendizagem dentro e fora da escola.

Nesse campo espera-se que os estudantes

- reconheçam e leiam com competência gêneros relacionados à pesquisa e à produção do conhecimento, também para compreender suas formas de organização e o uso da linguagem nesses gêneros;
- desenvolvam capacidades de pesquisa, como a de formular perguntas que orientem a investigação, selecionar as informações e suas fontes, organizar com autonomia essas informações etc.;
- desenvolvam a capacidade de produzir gêneros orais e escritos relacionados a esse campo.

4 MATRIZ CURRICULAR – ENSINO MÉDIO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM SEGUNDO OS CAMPOS DA LÍNGUA PORTUGUESA NA BNCC

CAMPO DAS PRÁTICAS LITERÁRIAS I

LEITURA

- ✓ Ler produções literárias de autores da literatura brasileira contemporânea, percebendo a literatura como produção historicamente situada e, ainda assim, atemporal e universal.
- ✓ Reconhecer, em produções literárias de autores da literatura brasileira, o diálogo com questões contemporâneas (principalmente do jovem), compreendendo que a literatura é uma forma de conhecimento de si e do mundo.

- ✓ Reconhecer, na leitura de gêneros literários em prosa, estratégias narrativas relevantes para os efeitos de sentido pretendidos, como a escolha do foco narrativo, a forma como os eventos foram ordenados ou como as personagens foram apresentadas etc.
- ✓ Identificar, em gêneros literários em prosa e em verso, recursos sonoros e rítmicos (rimas, aliterações, assonâncias, repetições), reconhecendo os efeitos de sentido que esses recursos podem envolver.
- ✓ Interpretar recursos expressivos que envolvam a dimensão imagética do texto literário (comparação, metáfora, metonímia, personificação, antíteses), a partir da leitura de textos em prosa ou em verso, compreendendo os deslocamentos de sentido como parte fundamental da linguagem literária.
- ✓ Analisar adaptações de narrativas literárias para o cinema, teatro ou TV, reconhecendo as especificidades e entrecruzamentos de linguagens.

ESCRITA

- ✓ Produzir gêneros literários em prosa (contos, minicontos, crônicas), experimentando estratégias narrativas para se contar uma história.

ORALIDADE

- ✓ Declamar poemas com ritmo e entonação próprios ao gênero poético, considerando os elementos envolvidos na situação discursiva (interlocutores, objetivo comunicativo, maior ou menor formalidade), por exemplo, em um Sarau Literário.

CAMPO DAS PRÁTICAS LITERÁRIAS II

LEITURA

- ✓ Ler produções literárias de autores da literatura brasileira dos séculos XX e XIX, percebendo a literatura como produção historicamente situada e, ainda assim, atemporal e universal.
- ✓ Compreender a presença do cânone ocidental, principalmente da literatura portuguesa, no processo de constituição da literatura brasileira, a partir da leitura de autores dessas literaturas, percebendo assimilações e rupturas, na busca de uma identidade nacional.

- ✓ Analisar a relação entre gêneros literários em prosa e em verso e seus contextos de produção (ideologias, vozes sociais, outros textos, tradições, movimentos culturais etc.), considerando também o modo como a obra dialoga com o presente.
- ✓ Perceber aproximações entre a literatura e outras manifestações artísticas, como a música, as artes plásticas, a pintura e a arquitetura, considerado seu contexto de produção.
- ✓ Analisar, na leitura de gêneros literários em prosa, estratégias narrativas mais complexas (como enredo de cunho psicológico, tempo não linear, inovações nas formas de registrar as falas dos personagens e vozes do texto) e compreender a relação entre essas escolhas e os efeitos de sentido pretendidos.
- ✓ Identificar, em gêneros literários em prosa e em verso, recursos sonoros, rítmicos (rimas, aliterações, assonâncias, repetições) e gráfico-visuais, reconhecendo os efeitos de sentido que esses recursos podem envolver.
- ✓ Interpretar recursos expressivos que envolvam a dimensão imagética do texto literário (comparação, metáfora, metonímia, personificação, antíteses) e compreender a natureza desses recursos, a partir da leitura de textos em prosa ou em verso.

CAMPO DAS PRÁTICAS POLÍTICO-CIDADÃS

ORALIDADE

- ✓ Reconhecer, em gêneros como o debate, os posicionamentos em confronto e os argumentos utilizados para sustentá-lo, avaliando a eficácia da argumentação.
- ✓ Avaliar, em gêneros que envolvam argumentação, o uso de recursos retóricos próprios da fala, como a repetição enfática, a entonação, gestos etc.
- ✓ Planejar a participação em debate sobre tema previamente definido, a partir do levantamento de argumentos que sustentem estratégias de contestação do argumento do outro.

CONHECIMENTOS SOBRE A LÍNGUA E SOBRE A NORMA PADRÃO

- ✓ Perceber semelhanças e diferenças no tratamento da informação em textos voltados para o relato de fatos (como as notícias e reportagens), publicados em diferentes mídias.

- ✓ Avaliar, em gêneros que envolvem a contra-argumentação, o teor das discordâncias (se totais ou parciais, se envolvem apenas ressalvas ou negação da opinião) e as estratégias de refutação utilizadas.
- ✓ Avaliar o grau de envolvimento do autor com o posicionamento assumido em textos argumentativos, identificando os recursos linguísticos que sinalizam esses posicionamentos.
- ✓ Avaliar, em textos publicitários multimodais, o modo como recursos expressivos (palavra, som, imagem) atuam para alcançar os objetivos pretendidos.
- ✓ Analisar a macro-organização (artigos, incisos, parágrafos) de gêneros da esfera jurídica e reivindicatória (como lei, estatuto, código, regulamento, edital), refletindo sobre o papel desses gêneros como organizadores de atividades e meios de participação social.
- ✓ Reconhecer características da linguagem de textos da esfera jurídica e reivindicatória: terminologia jurídica, verbos no imperativo, arcaísmos.
- ✓ Utilizar, na escrita de gêneros que envolvam contra-argumentação, recursos que sinalizem os posicionamentos em confronto, como aqueles que denotam oposição, ressalva, concessão etc.
- ✓ Revisar o texto, avaliando especialmente a eficácia da argumentação, através da utilização de recursos como a elaboração do título, a utilização de perguntas retóricas, os recursos de ênfase etc.
- ✓ Revisar o texto escrito, avaliando sua adequação a convenções normativas, a partir da consideração de seu contexto de produção.
- ✓ Perceber a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de pretérito em gêneros narrativos e de relato; as formas de presente e futuro em gêneros argumentativos, as formas de infinitivo e imperativo em gêneros da esfera jurídica); analisar a morfologia do verbo, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo.
- ✓ Reconhecer algumas propriedades discursivas do verbo: o uso do futuro do pretérito e do subjuntivo como recurso de modalização na argumentação; efeitos de formalidade e informalidade no uso do tempo verbal etc.
- ✓ Reconhecer recursos gramaticais que operam como modalizadores nos textos: adjetivos, advérbios, tempo e modo verbal, verbo auxiliar.

✓ Aprofundar a compreensão sobre a forma como as orações se articulam na formação do período composto; analisar a estrutura dessas sentenças complexas, reconhecendo diferenças entre os processos de coordenação e subordinação e entre orações substantivas, adjetivas e adverbiais.

✓ Compreender algumas regras de uso da vírgula: uso em sintagmas que sofrem deslocamentos na sentença e na marcação da elipse, na articulação das orações dentro do período composto, na marcação de expressões e orações intercaladas.

✓ Compreender o funcionamento do pronome relativo como um articulador de orações dentro do período, seu papel na referenciação; comparar seu uso no português brasileiro com as prescrições da norma padrão para fazer escolhas adequadas à situação comunicativa.

CAMPO DAS PRÁTICAS DE ESTUDO E PESQUISA

ORALIDADE

✓ Tomar nota de aulas, palestras, seminários, produzindo sínteses, com reflexões próprias.

✓ Expor resultados de pesquisa e estudo em seminários e outros gêneros orais com essa finalidade, a partir de um planejamento que considere o conteúdo da fala e sua ordenação.

LEITURA

✓ Selecionar informações relevantes de fontes diversas (inclusive digitais), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes para a realização de pesquisas.

✓ Selecionar e organizar, com autonomia, as informações oriundas de diversas fontes, para fundamentar um trabalho de pesquisa, evitando cópias.

✓ Analisar as formas de organização (capítulos, seções, subseções) dos gêneros relacionados à produção de conhecimento, reconhecer seus critérios de organização tópica (do geral para o específico, do específico para o geral etc.) e as marcas linguísticas dessa organização (marcadores de ordenação e enumeração, por exemplo)

✓ Reconhecer traços da linguagem dos gêneros relacionados à produção de conhecimento: uso de vocabulário técnico/especializado, registro formal de linguagem, efeito discursivo de objetividade, recurso à citação.

- ✓ Reconhecer as características típicas dos gêneros projeto e artigo de pesquisa, para ser capaz de desenvolver projeto que contemple atividades como o levantamento de fontes de conhecimento, análise e relato dos resultados.

- ✓ Identificar elementos de normatização (tais como as regras de inclusão de citações e paráfrases, de organização de referências bibliográficas) em textos científicos, desenvolvendo reflexão sobre o modo como a intertextualidade e a retextualização ocorrem nesses textos.

ESCRITA

- ✓ Produzir resumos de textos didáticos e de divulgação científica, compreendendo que o resumo, além de diversos usos sociais, é uma estratégia de leitura e de estudo.

- ✓ Produzir resenhas de livros ou documentários de divulgação científica, descrevendo e avaliando as obras resenhadas, com reflexão sobre as vozes envolvidas (do resenhador, do autor da obra, dos autores dos textos citados na obra).

- ✓ Produzir textos escritos voltados para a divulgação do conhecimento, reconhecendo traços da linguagem desses textos e fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem.

- ✓ Revisar o texto escrito avaliando sua adequação a convenções normativas, a partir da consideração de seu contexto de produção.

CONHECIMENTOS SOBRE A LÍNGUA PADRÃO

- ✓ Refletir sobre a relação fala/escrita, consideradas essas modalidades dentro de um contínuo de variações, relacionando marcas específicas da oralidade às marcas correspondentes na escrita.

- ✓ Conhecer alguns recursos discursivos de exposição oral, como a utilização de organizadores/ordenadores da fala (em primeiro lugar, uma segunda questão), ou a apresentação prévia do plano de exposição.

- ✓ Conhecer estratégias textuais de impessoalização: uso da terceira pessoas, uso da voz passiva.

- ✓ Compreender a função das aspas: no discurso citado, na marcação de sentido aproximado, metafórico, na marcação da ironia.

MATRIZ DA LÍNGUA PORTUGUESA DA REDE ESTADUAL PARA O 1º ANO - EM**LINGUA PORTUGUESA****1ª SÉRIE – EM**

EIXOS TEMÁTICOS: Leitura, escrita, oralidade/sinalização e conhecimento sobre a língua e a norma padrão.

1º PERÍODO LETIVO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS BÁSICOS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler produções literárias de gêneros diversos, identificando recursos expressivos peculiares a cada um deles. ▪ Identificar e interpretar os recursos expressivos (figuras de linguagem) que envolvam a dimensão imagética do texto literário, a partir da leitura de textos em prosa e em verso, compreendendo os deslocamentos de sentido como parte fundamental da linguagem literária. ▪ Reconhecer posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação. ▪ Compreender a literatura em diferentes contextos de produção (ideologias, vozes sociais, outros textos, tradições, movimentos culturais etc.) ▪ Reconhecer, na leitura de gêneros, estratégias narrativas, descritivas e dissertativas relevantes para os efeitos de sentido pretendidos. ▪ Compreender as diferenças existentes entre as tipologias e os gêneros textuais. ▪ Compreender as relações entre os elementos constitutivos da textualidade: coesão, coerência e intertextualidade. ▪ Refletir sobre a relação fala/escrita, consideradas essas modalidades dentro de um contínuo de variações, relacionando marcas específicas da oralidade às correspondentes da escrita. ▪ Produzir gêneros literários em prosa e verso. ▪ Ler textos de autores maranhenses dos gêneros Cordel e Fábula. ▪ Revisar o texto escrito, avaliando sua adequação a convenções normativas, a partir da consideração de seu contexto de produção. 	<ul style="list-style-type: none"> • A literatura no contexto das artes • As funções da literatura • Texto literário e não literário • Linguagem denotativa e conotativa • Figuras de linguagem • Os gêneros literários • Processos de comunicação e funcionalidade da linguagem • Linguagem verbal e não verbal • As funções da linguagem • Variações linguísticas e níveis de linguagem • Introdução à semântica: sinonímia, antonímia, paronímia, homonímia, campo semântico, hiponímia, hiperonímia e polissemia. • Ambiguidade • Relação entre tipos e gêneros textuais • As tipologias textuais (noções gerais) • Texto e Textualidade (coesão, coerência e intertextualidade)

2º PERÍODO LETIVO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS BÁSICOS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler produções literárias de autores da literatura brasileira contemporânea, estabelecendo relação entre essas produções e os estilos medievais. ▪ Compreender a literatura em diferentes contextos de produção (ideologias, vozes sociais, outros textos, tradições, movimentos culturais etc.) ▪ Compreender as relações entre as novas tecnologias de leitura e de escrita, os novos gêneros chamados digitais, os novos sujeitos dotados de habilidades e capacidades cognitivas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Origens da literatura portuguesa: o Trovadorismo • A linguagem do trovadorismo • Produções trovadorescas: a lírica, a prosa e o teatro. • Influências do Trovadorismo em textos contemporâneos • A segunda época medieval: o Humanismo

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apropriar-se, a partir de textos, dos elementos de ortografia, segundo o acordo ortográfico vigente. ▪ Reconhecer a estrutura dos gêneros notícia e entrevista, percebendo semelhanças e diferenças no tratamento da informação, a partir dos diversos suportes. ▪ Produzir gêneros do discurso: notícia e entrevista. ▪ Reescrever o texto escrito, avaliando sua adequação a convenções normativas, a partir da consideração de seu contexto de produção. ▪ Apropriar-se, a partir de textos, dos elementos de acentuação, segundo o acordo ortográfico vigente. 	<ul style="list-style-type: none"> • A poesia palaciana • As crônicas históricas • O teatro vicentino • Influências do Humanismo em textos contemporâneos • Tipologias: Narração/Descrição <ul style="list-style-type: none"> ○ Tipos de discurso (direto, indireto e indireto livre) • Gêneros do discurso: <ul style="list-style-type: none"> ○ Notícia ○ Entrevista ○ Relação entre texto e hipertexto ○ Conto popular (incluir autores maranhenses) • Sons e letras na construção do texto • Novo Acordo – ortografia
---	--

3º PERÍODO LETIVO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS BÁSICOS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler autores da literatura brasileira do século XVI, percebendo a literatura como produção historicamente situada e, ainda assim, atemporal e universal. ▪ Compreender a presença do cânone ocidental, principalmente da literatura portuguesa, no processo de constituição da literatura brasileira, a partir da leitura de autores dessas literaturas, percebendo assimilações e rupturas. ▪ Compreender as relações entre as novas tecnologias de leitura e de escrita, os novos gêneros chamados digitais, os novos sujeitos dotados de habilidades e capacidades cognitivas. ▪ Apropriar-se, a partir de textos, dos elementos de ortografia, segundo o acordo ortográfico vigente. ▪ Identificar, em textos variados, os efeitos de sentido produzidos pelo uso de determinadas palavras, a partir dos processos de sua formação. ▪ Declamar/sinalizar poemas com ritmo e entonação próprios ao gênero poético, considerando os elementos envolvidos na situação discursiva (interlocutores, objetivo comunicativo, maior ou menor formalidade), por exemplo, em um Sarau Literário. ▪ Produzir gêneros literários (fábulas e cordel), experimentando estratégias narrativas para se contar uma história, sob a ótica de diferentes autores maranhenses. ▪ Produzir textos do gênero jornalístico reportagem. ▪ Reescrever textos dos diferentes gêneros estudados. 	<ul style="list-style-type: none"> • A linguagem do Classicismo • Uma nova forma de arte • Classicismo em Portugal • A linguagem do Colonialismo • Origens da literatura brasileira <ul style="list-style-type: none"> ➤ A produção literária no Brasil-Colônia – O Quinhentismo • Novo Acordo – Acentuação • Introdução à Morfologia • Estruturas das palavras • Processos de formação de palavras <ul style="list-style-type: none"> ➤ Gêneros do discurso: <ul style="list-style-type: none"> ➤ Reportagem ➤ Redes sociais ➤ E-mail ➤ Fábula ➤ Literatura de cordel

4º PERÍODO LETIVO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS BÁSICOS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler produções literárias de autores da literatura brasileira contemporânea, estabelecendo relação entre essas produções e as do Barroco e do Arcadismo. ▪ Reconhecer, em produções literárias de autores da literatura 	<ul style="list-style-type: none"> • A linguagem do Barroco <ul style="list-style-type: none"> ➤ Arte barroca: união dos contrários ➤ Barroco na Europa e no Brasil • A linguagem do Arcadismo

<p>brasileira, o diálogo com questões contemporâneas, compreendendo que a literatura é uma forma de conhecimento de si e do mundo.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender as relações entre as novas tecnologias de leitura e de escrita, os novos gêneros chamados digitais, os novos sujeitos dotados de habilidades e capacidades cognitivas. ▪ Analisar as diferentes linguagens utilizadas na construção do gênero História em Quadrinhos. ▪ Visitar páginas da internet, observando aspectos estruturais e discursivos do gênero <i>Facebook</i>. ▪ Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos. ▪ Analisar adaptações de narrativas literárias para o cinema, teatro ou TV, reconhecendo as especificidades e entrecruzamentos de linguagens. ▪ Analisar a morfologia do verbo, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo. ▪ Perceber a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de pretérito em gêneros narrativos). ▪ Reconhecer e distinguir recursos gramaticais que operam a coesão referencial e a coesão sequencial. ▪ Produzir textos do gênero Crônica, observando a forma, o conteúdo, o estilo e a função social, sob a ótica dos diferentes autores maranhenses/brasileiros. ▪ Revisar o texto escrito, avaliando sua adequação a convenções normativas, a partir da consideração de seu contexto de produção. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Arcadismo em Portugal e no Brasil ● Gêneros do discurso ➤ História em quadrinhos ➤ Crônica ➤ <i>Facebook</i> ● Convenções para o uso da pontuação: ponto, vírgula, ponto e vírgula, interrogação, exclamação, dois pontos, reticências, aspas, travessão e parênteses. ● Classes de palavras variáveis ➤ Substantivo ➤ Adjetivo ➤ Numeral ➤ Artigo ➤ Pronome ➤ Verbo ● Articulação verbo e texto ➤ Tempos verbais nos textos narrativos ➤ Uso e sentido das formas nominais ● Crase
--	---

2ª SÉRIE – EM

EIXOS TEMÁTICOS: Leitura, escrita, oralidade/sinalização e conhecimento sobre a língua e a norma padrão

1º PERÍODO LETIVO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS BÁSICOS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler autores da literatura brasileira contemporânea, estabelecendo relação entre essas produções e a 1ª Geração do Romantismo. ▪ Identificar, nos textos dos escritores brasileiros e portugueses, elementos discursivos, estilísticos e linguísticos constitutivos do estilo romântico. ▪ Investigar aspectos políticos da história luso-brasileira, no século XIX. ▪ Compreender a literatura em diferentes contextos de produção (ideologias, vozes sociais, outros textos, tradições, movimentos culturais etc.) ▪ Analisar, na leitura de gêneros literários em prosa, estratégias narrativas mais complexas (como enredo de cunho psicológico, tempo não linear, inovações nas formas de registrar as falas dos personagens, as vozes do texto) e compreender a relação entre essas escolhas e os efeitos de sentido pretendidos. ▪ Reconhecer recursos gramaticais que operam como 	<ul style="list-style-type: none"> ● A linguagem do Romantismo <ul style="list-style-type: none"> ○ A estética romântica ○ Romantismo em Portugal ○ Romantismo no Brasil ○ Primeira Geração ● Gêneros do discurso <ul style="list-style-type: none"> ○ Poemas ○ Contos literários ○ Elementos da narrativa ● Classes de palavras invariáveis <ul style="list-style-type: none"> ○ Advérbio ○ Preposição ○ Conjunção ○ Interjeição ● Palavras e sintagmas <ul style="list-style-type: none"> ○ Frase, oração e período ● Termos essenciais da oração

<p>modalizadores dos textos: pronome, advérbio e conjunção.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Analisar as categorias sintáticas “sujeito” e “complemento verbal” (objeto direto e indireto), refletindo sobre as classes gramaticais que preenchem essas funções (o substantivo, o pronome, uma oração substantiva, a elipse). ▪ Produção dos gêneros: poema e contos. ▪ Produzir os gêneros em estudo, observando forma, conteúdo e estilo, em função das condições de produção. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Sujeito ○ Predicado ● Termos integrantes da oração ○ Complementos verbais ○ Complemento nominal ○ Agente da passiva
---	--

2º PERÍODO LETIVO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS BÁSICOS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler autores da literatura brasileira contemporânea, estabelecendo relação entre essas produções e a 2ª/3ª Geração do Romantismo. ▪ Ler comparativa e associativamente os romances, observando forma, conteúdo, estilo e função social. ▪ Analisar as categorias sintáticas adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo, refletindo sobre as classes gramaticais que preenchem essas funções. ▪ Analisar a relação entre gêneros literários do Romantismo brasileiro e seus contextos de produção (ideologias, vozes sociais, outros textos, tradições, movimentos culturais etc.), considerando também o modo como a obra dialoga com o presente. ▪ Aprofundar a compreensão sobre a forma como as orações se articulam na formação do período composto. ▪ Reconhecer diferenças entre as orações coordenadas assindéticas e sindéticas. 	<ul style="list-style-type: none"> ● A linguagem do Romantismo ○ Romantismo no Brasil ○ 2ª Geração ○ 3ª Geração ● O romance urbano ● O romance indianista ● O romance regionalista ● O teatro romântico ● Gêneros do discurso ● Romances ● Termos acessórios da oração ○ Adjunto adnominal ○ Adjunto adverbial ○ Aposto ○ Vocativo ● Orações coordenadas ○ Assindéticas ○ Sindéticas

3º PERÍODO LETIVO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS BÁSICOS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler autores da literatura brasileira contemporânea, estabelecendo relação entre essas produções e o Realismo/Naturalismo. ▪ Reconhecer os tipos de argumento (exemplificação, relato, exposição de dados, citação de autoridade) que sustentam o posicionamento do autor em textos de diferentes gêneros, avaliando sua eficácia. ▪ Relacionar, na leitura de textos publicitários, as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (tempo verbal, jogos de palavras, metáforas, imagens). ▪ Construir reflexões e análises sobre a sintaxe do português: a ordem dos constituintes da sentença; a noção de classe e função e de categorias prototípicas; a estrutura dos sintagmas (nominal, verbal, adjetival e adverbial). ▪ Produzir textos dos gêneros em estudo, observando a forma, o conteúdo, o estilo e a função social. ▪ Reescrever o texto escrito, avaliando sua adequação a convenções normativas, a partir da consideração de seu contexto de produção. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Realismo ○ Revolução Industrial ○ Realismo em Portugal ○ Realismo no Brasil ● Naturalismo ○ Origem humana: novos olhares ○ Literatura e ciência ○ Naturalismo no Brasil ● Gêneros do discurso ○ Anúncios publicitários ○ Charges ○ Cartuns ● Orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais

4º PERÍODO LETIVO

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler autores da literatura brasileira, estabelecendo relação entre essas produções e o Parnasianismo/Symbolismo. ▪ Reconhecer os tipos de argumento (exemplificação, relato, exposição de dados e citação de autoridade) que sustentam o posicionamento do autor em textos de diferentes gêneros, avaliando sua eficácia. ▪ Reconhecer, em gêneros que envolvam argumentação, os posicionamentos assumidos e os argumentos utilizados para sustentá-lo, avaliando sua eficácia para a argumentação. ▪ Planejar a participação em debate sobre tema previamente definido, a partir do levantamento de argumentos que sustentem o posicionamento assumido. ▪ Analisar a forma como são ordenados os elementos da argumentação (a tese, os argumentos, a opinião contestada), e os efeitos de sentido que essa ordenação provoca. ▪ Empregar adequadamente o pronome oblíquo nos gêneros em estudo. ▪ Refletir sobre a sintaxe de concordância verbal no português brasileiro, considerando ocorrências como o “sujeito posposto” e estruturas com a partícula se; comparar esse uso com as prescrições da norma padrão, para fazer escolhas adequadas a situação comunicativa. ▪ Compreender a noção de regência verbal e nominal, para realizar a Regência de verbos mais utilizados no português brasileiro. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Parnasianismo <ul style="list-style-type: none"> ○ Culto à forma ○ Parnasianismo no Brasil ● Symbolismo <ul style="list-style-type: none"> ○ Dimensões história, linguística e social ● O texto dissertativo expositivo e argumentativo ● Gêneros do discurso <ul style="list-style-type: none"> ○ Artigo de opinião ○ Resumo ● Colocação Pronominal ● Noções de Concordância Nominal e Verbal ● Noções de Regência Nominal e Verbal
---	--

3ª SÉRIE – EM

EIXOS TEMÁTICOS: Leitura, escrita, oralidade/sinalização e conhecimento sobre a língua e a norma padrão

1º PERÍODO LETIVO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS BÁSICOS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler produções literárias de autores da literatura brasileira contemporânea, estabelecendo relação entre essas produções e (o) Modernismo em Portugal/Pré-Modernismo no Brasil. ▪ Situar a literatura em Portugal do Século XX no conjunto da história da sociedade portuguesa e de sua cultura. ▪ Conhecer a literatura africana, escrita em língua portuguesa, que se somou às tradições literárias de Portugal e do Brasil. ▪ Constatar a aproximação entre a literatura modernista portuguesa e outras manifestações representantes das revoluções artísticas. ▪ Refletir sobre a flexão dos verbos irregulares (o infinitivo flexionado), observando nas marcas específicas da oralidade às correspondentes da escrita. ▪ Comparar o uso do pronome oblíquo no português brasileiro com as prescrições da norma padrão para fazer escolhas adequadas à situação comunicativa. ▪ Refletir sobre a sintaxe da concordância verbal no português brasileiro, considerando ocorrências como – sujeito posposto e 	<ul style="list-style-type: none"> ● A linguagem do Modernismo em Portugal <ul style="list-style-type: none"> ○ As revoluções artísticas ● A linguagem do Pré-Modernismo no Brasil <ul style="list-style-type: none"> ○ A descoberta de outro Brasil ● A produção literária africana em língua portuguesa <ul style="list-style-type: none"> ○ O início: Portugal e África ● Dissertação e argumentação ● Gêneros do discurso: <ul style="list-style-type: none"> ○ Manifestos, Resenhas ○ Twitter ○ Poemas do modernismo português ○ Poemas africanos ● A flexão do infinitivo ● Relações de concordância com o

<p>estruturas com a partícula “se”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Aprofundar a compreensão sobre a forma como as orações se articulam na formação do período composto. ▪ Produzir resenhas de contos africanos em língua portuguesa. ▪ Reescrever os gêneros em estudo. 	<p>verbo</p> <ul style="list-style-type: none"> ● A posição dos pronomes pessoais átonos na frase ● As relações estabelecidas entre as orações coordenadas e subordinadas.
--	--

2º PERÍODO LETIVO

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler autores da 1ª Geração Modernista, percebendo a literatura como produção historicamente situada e, ainda assim, atemporal e universal. ▪ Identificar, em gêneros literários em verso da 1ª geração modernista, os recursos rítmicos e sonoros, assim como os efeitos de sentido que esses recursos podem envolver. ▪ Reconhecer, na leitura de contos e romances, as estratégias narrativas empregadas na construção da trama (escolha do foco narrativo, ordenação dos eventos, apresentação das personagens etc.). ▪ Compreender a presença do cânone ocidental, principalmente das literaturas portuguesa e brasileira, no processo de constituição da literatura africana em língua portuguesa, a partir da leitura de autores dessas literaturas, percebendo assimilações e rupturas. ▪ Compreender as relações entre as novas tecnologias de leitura e de escrita, os novos gêneros chamados digitais, os novos sujeitos dotados de habilidades e capacidades cognitivas. ▪ Organizar esquemas que auxiliem o planejamento de gêneros dissertativos argumentativos, prevendo os argumentos e os critérios de paragrafação do texto. ▪ Utilizar na escrita de Editoriais, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto. ▪ Revisar o texto escrito, avaliando sua adequação a convenções normativas, a partir da consideração de seu contexto de produção. ▪ Apresentar oral e por sinalização resumo dos contos e dos romances estudados. ▪ Conhecer alguns recursos discursivos de exposição oral como a apresentação prévia do plano de exposição. ▪ Refletir sobre a sintaxe da concordância nominal no português brasileiro, com atenção ao adjetivo e aos nomes invariáveis. ▪ Aprofundar a compreensão sobre a estrutura das sentenças complexas, reconhecendo a diferença entre as orações subordinadas substantivas. 	<ul style="list-style-type: none"> ● A linguagem do Modernismo no Brasil <ul style="list-style-type: none"> ○ A produção literária da 1ª geração - Manifestos e poesia ● A produção literária africana em língua portuguesa <ul style="list-style-type: none"> ○ Segundo momento: a resistência ● Gêneros do discurso: <ul style="list-style-type: none"> ○ Manifestos/Resenhas ○ Resumo ○ Editorial ○ Blog ○ Contos e Romances, incluindo os africanos ● As relações de concordância com o nome ● O processo de subordinação <ul style="list-style-type: none"> ○ As orações subordinadas substantivas no contexto
--	--

3º PERÍODO LETIVO

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler produções literárias de autores da literatura brasileira contemporânea, estabelecendo relação entre essas produções e os autores modernistas da 2ª geração. ▪ Compreender a crescente diversificação da literatura africana que caracterizou a fase posterior à independência. ▪ Proceder ao acesso não linear e seletivo ao texto, por meio de ligações hipertextuais. ▪ Reconhecer, na leitura de contos e romances, estratégias narrativas relevantes para os efeitos de sentido pretendidos, como a escolha do foco narrativo, a forma como os eventos 	<ul style="list-style-type: none"> ● A linguagem do Modernismo no Brasil <ul style="list-style-type: none"> ○ Prosa e poesia da 2ª geração ● A produção literária africana em língua portuguesa <ul style="list-style-type: none"> ○ Terceiro momento: pós-independência ● Gêneros do discurso: <ul style="list-style-type: none"> ○ Resumo
---	--

<p>foram ordenados ou como as personagens foram apresentadas etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Analisar, nos gêneros Carta do leitor e carta argumentativa, a forma como são ordenados os elementos da argumentação (tese, argumentos, opinião contestada). ▪ Reconhecer os tipos de argumentos (exemplificação, relato, exposição de dados, citação de autoridades) que sustentam o posicionamento do autor em diferentes gêneros argumentativos. ▪ Declamar/sinalizar poemas com ritmo e entonação próprios ao gênero poético, considerando os elementos envolvidos na situação discursiva (interlocutores, objetivo comunicativo, maior ou menor formalidade). ▪ Aprofundar a compreensão sobre a estrutura das sentenças complexas, reconhecendo o papel do pronome relativo como articulador das orações subordinadas adjetivas. ▪ Compreender a noção de regência verbal, para utilizar a regência de verbos mais utilizados no português brasileiro. ▪ Compreender a função do acento grave, a partir de reflexões sobre o funcionamento da língua, para empregá-lo. ▪ Produzir Cartas do leitor e Cartas argumentativas, observando a ordem dos elementos que os constituem. ▪ Revisar o texto escrito produzido, avaliando sua adequação a convenções normativas, a partir da consideração de seu contexto de produção. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Carta do leitor; Carta argumentativa ○ Hipertexto ○ Poemas; ○ Contos e Romances sociais e regionalistas, incluindo os nordestinos e africanos ● O processo de subordinação ○ As orações subordinadas adjetivas no contexto dos gêneros lidos/produzidos ● As relações de regência verbal e a construção de sentidos no texto ● A crase – efeito gramatical da regência verbal
--	--

4º PERÍODO LETIVO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS BÁSICOS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler autores do Pós-Modernismo, percebendo o diálogo entre as produções e as questões contemporâneas. ▪ Analisar o modo como a literatura africana contemporânea contribui para a compreensão do que foi e é o povo africano. ▪ Familiarizar-se com as questões de múltipla escolha, as quais compõem as avaliações de larga escala. ▪ Utilizar a linguagem híbrida dos gêneros digitais no processo de comunicação rápida (whatsapp). ▪ Participar de debates sobre assuntos controversos da sociedade, geradores de discussões em âmbito nacional e/ou local. ▪ Tomar notas de seminários, produzindo sínteses com reflexões próprias. ▪ Compreender que a defesa do ponto de vista se faz por meio de argumentos, assim como pelo planejamento da estrutura argumentativa do texto. ▪ Reconhecer traços da linguagem dos gêneros correspondências oficiais/empresariais relacionados à produção de conhecimento: uso de vocabulário técnico/especializado, registro e função social. ▪ Utilizar, na produção de gêneros argumentativos orais, os recursos retóricos próprios da fala, como repetição enfática, entonação, gestos etc. ▪ Produzir gêneros que envolvem a contra-argumentação, as estratégias de refutação. ▪ Perceber a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de presente e futuro em gêneros 	<ul style="list-style-type: none"> ● A linguagem do Pós-modernismo ○ A prosa e a poesia (depois de 45 até os dias atuais) ● Literatura africana contemporânea ● Gêneros do discurso ○ Debate oral regrado ○ Questões de múltipla escolha ○ Texto de divulgação científica ○ Seminário ○ Whatsapp ○ Correspondências oficiais/empresariais ● O processo de subordinação ○ As orações subordinadas adverbiais no contexto dos gêneros lidos/produzidos ● As relações de regência nominal e a construção de sentidos no texto

argumentativos).

- Aprofundar a compreensão sobre a estrutura das sentenças complexas, reconhecendo a diferença entre as orações subordinadas adverbiais.
- Refletir sobre a sintaxe de regência nominal nos gêneros em estudo, comparando seu uso com as prescrições da norma padrão.

5 ORGANIZAÇÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

Tendo como referência a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que para o Ensino Médio define cada área de conhecimento, objetivos gerais de formação, todos relacionados aos eixos de formação da etapa, todo professor (a) deve fazer a opção por um tipo de organização pedagógica que contemple os saberes e necessidades dos estudantes. Nesse sentido, será indispensável atrelarmos às expectativas pedagógicas o entendimento de como as aprendizagens acontecem, os recursos e estratégias necessárias para o êxito do processo de ensino e aprendizagem.

Ainda nessa perspectiva, torna-se importante definir qual método didático orientará os trabalhos de produção do conhecimento. De acordo com as Diretrizes Curriculares Estaduais, torna-se clara a definição de um método de inspiração dialética como fio condutor das práticas pedagógicas das escolas estruturado nas etapas de problematização, instrumentalização, aprendizagem (catarse) e síntese, tendo a prática social (conhecimento prévio, o contexto social, experiências do cotidiano) como ponto de partida e de chegada do processo de ensino fundamentado no entendimento histórico crítico da realidade.

Os atributos da aprendizagem dos alunos estão diretamente vinculados ao tipo de método utilizado no processo de ensino.

Enquanto os conteúdos dizem respeito a “o quê” aprender, o método se reporta ao “como” aprender, sendo que a mesma lógica se aplica ao ensinar. Em síntese, o método didático diz respeito à forma de fazer o ensino acontecer para que a aprendizagem se efetive do modo esperado. (DCs p.23, 2014).

Considerando tal premissa, é possível afirmar que o método didático perpassa por todas as etapas da ação pedagógica. O método didático está intimamente vinculado às expectativas educacionais, à compreensão do papel social e específico da escola e à concepção de aprendizagem. O método, então, “explicita o movimento do conhecimento como passagem do empírico ao concreto, pela mediação do abstrato. Ou a passagem da síntese à síntese, pela mediação da análise” (SAVIANI, 2005, p.142).

Isso significa dizer que o professor, enquanto mediador do processo de ensino e aprendizagem, deve levar em consideração os conhecimentos que os estudantes já trazem para a sala de aula, o que possibilitará realizar uma problematização como ponto inicial da organização pedagógica. Logo, a sala de aula passa a ser um ambiente de diálogo investigativo.

O método didático, na perspectiva dialética, estrutura-se segundo o infográfico:



❖ Prática social – conexão com a vida dos estudantes

A prática social é o eixo do trabalho pedagógico em torno do qual a aprendizagem e o ensino se movimentam. Nesse sentido, é possível dizer que a prática social é o ponto de partida e é o ponto de chegada do processo de ensino, considerando que o trabalho pedagógico tem como finalidade ampliar a compreensão sobre os elementos, nexos, interrelações, contradições e fundamentos que constituem a realidade social.

❖ Problematização - questionamento e investigação científica

Para que um conhecimento seja aprendido e recriado, necessariamente, deve haver um movimento de levantamento de conhecimentos prévios em torno daquilo que interessa ao estudante, que será evidenciado pelo professor de forma intencional, tendo em vista os conhecimentos das disciplinas do currículo obrigatório.

O papel do professor será o de motivar, desafiando o estudante a buscar respostas para além do senso comum. A problematização é um processo de sensibilização, esta etapa é fundamental para o estreitamento entre os conhecimentos da prática social e o currículo que se pretende desenvolver. De acordo com Gasparin (2013, p.35), “a problematização tem como finalidade selecionar as principais interrogações levantadas na prática social a respeito de determinado conteúdo”.

A problematização visa despertar a imaginação, fertilizando-a por meio de perguntas instigadoras a respeito de opiniões ou crenças sobre o tema em discussão. Desse modo, as atividades que envolvem vivências, cenários, personagens, notícias, informações, imagens, sons e dinâmicas em torno de um tema, dentre outros, são procedimentos adequados na referida etapa.

A problematização permite ir além do sentido comum e aparente das coisas, assim como por em questão a multiplicidade e variação das opiniões dos/as alunos/as. Destaca-se, então, o papel do/a professor/a que deve estimular o aparecimento do maior número de perguntas. Sua intervenção se faz necessária melhorando o sentido das perguntas, explicitando melhor as que não foram bem formuladas, agrupando-as quanto aos aspectos comuns ou divergentes. (DCs, p. 34. 2014)

Nessa perspectiva, a problematização é uma etapa que exige de docentes e discentes um novo olhar, de preferência investigativo e crítico, diante do que está posto, estruturado e concebido como verdade absoluta, ou até mesmo verdade desconhecida ou conhecida superficialmente.

❖ **Instrumentalização – acesso ao conhecimento curricular**

Após a problematização, temos um momento propício para o acesso aos conhecimentos formais do currículo escolar com vistas à elucidação das hipóteses e dúvidas levantadas pelos estudantes e professores. O objetivo é transformar e aprimorar aqueles conhecimentos espontâneos da prática social, em confronto permanente com os conhecimentos científicos construídos pelo conjunto da humanidade.

Assim, compete ao educador buscar os instrumentos didaticamente necessários para que o jovem obtenha respostas acerca de suas indagações e inquietações.

Para tanto, o professor deve organizar principalmente os conteúdos científicos das disciplinas, além dos conteúdos dos temas sociais, a que culminará em um processo de mediação daquilo que o aluno ainda não sabe fazer ou conceber sozinho, para um nível mais elevado de autonomia intelectual. (DCs, p. 34. 2014)

A instrumentalização é um processo em que o estudante necessitará da orientação e direcionamento didático do educador, assumindo seu papel como facilitador e mediador, interagindo ainda com os outros estudantes estabelecendo parcerias no ambiente heterogêneo da sala de aula. A pesquisa nesse processo é de fundamental importância para que se encontrem os conhecimentos científicos necessários para elucidação das situações problemas.

O educador, então, deve planejar boas situações de aprendizagem, que sejam interessantes e organizadas didaticamente, além de propor pesquisas, leituras, estudos, consultas e trocas de experiências e saberes que respondam aos novos desafios da estruturação de conceitos científicos.

❖ **Catarse – processo de apreender**

A partir da busca pelo conhecimento para explicação racional e coerente da situação problema, vai acontecendo a aprendizagem na medida em que o estudante toma consciência e redireciona e desenvolve novos significados, a partir dos conceitos que formula. Nesse momento é que o professor deve acompanhar as aprendizagens que se expressam nos argumentos, nos registros dos estudantes sobre o conteúdo, por meio da elaboração teórica na explicação de fatos naturais, culturais, econômicos e históricos.

Na catarse, o/a aluno/a está confortável para expressar seus pensamentos e ideias, decorrentes das etapas anteriores. Nessa etapa, o/a aluno/a expressa uma nova maneira de ver os conteúdos e a prática social. Confirmada a ocorrência da síntese mental, será realizada a última etapa. Caso contrário, faz-se necessário rever as etapas anteriores. (DCs, 2014, p. 34)

❖ **Síntese - demonstração prática do que foi aprendido pelos estudantes**

O ciclo de aprendizagem que se origina na prática social do estudante passa por problematizações, perpassa pela proposição de atividades pedagógicas que incentivam a pesquisa e a apreensão de conceitos científicos oriundos dos conteúdos, culminando na constituição de significados que são, de alguma forma, registrados e expressos.

No ato de sintetizar, observam-se os conteúdos e conceitos aprendidos pelos estudantes como forma de intervenção na própria prática social. Afinal, o que aprendemos tem uma função social a cumprir, ser usado para transformar a própria existência humana e seus problemas sociais.

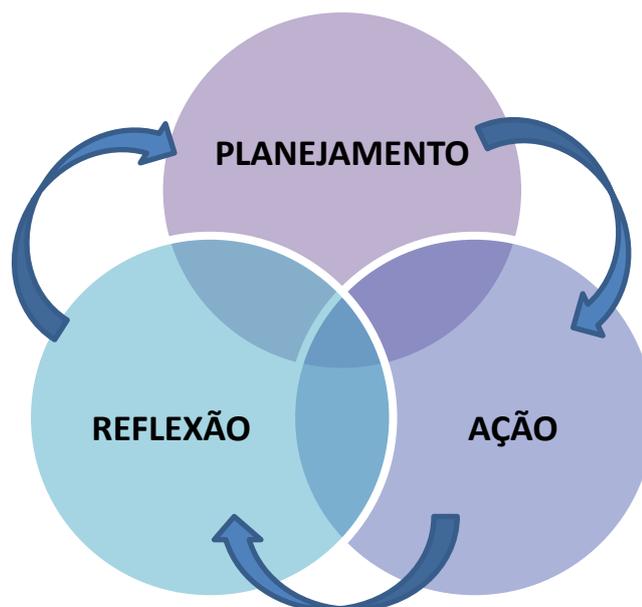
É um momento de triunfo, de chegada, de sentir-se socialmente atuante, seguro e mais independente em relação à dependência de ter um mediador, porque consegue externar os conhecimentos internalizados que respondem aos problemas relativos à prática social, a qual inicialmente é uma e, no final, pode-se dizer que é e não é a mesma. (SAVIANI, 2008, p. 58).

A prática social não se apresenta fragmentada; logo, o método proposto já reitera uma organização curricular articulada e interdisciplinar. Logo, esta rede de ensino propõe a superação de um trabalho com os conhecimentos desenvolvidos de forma isolada e orienta a organização e integração dos diversos conteúdos em áreas de conhecimento.

Na etapa da síntese, é indispensável a realização de atividades escritas, com registros das aprendizagens durante o processo. Assim, o estudante estará preparado para a elaboração de conceitos, desenvolvimento de atitudes e procedimentos, que possibilitem ao professor avaliar a passagem do pensamento do senso comum para o científico, condição essencial para que a escola cumpra a sua função social.

ETAPAS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA ESCOLA

Podemos definir três etapas na organização de qualquer ação pedagógica na escola: planejamento, ação e reflexão. Discorreremos agora sobre essas etapas, de forma didática, entendendo que não são subsequentes, mas que ocorrem, por vezes, de forma simultânea e integrada.



5.1 Tudo começa com Planejamento

Por compreender a importância do planejamento, ressalta-se a necessária realização deste no ambiente escolar, estabelecendo mediações entre o conhecimento científico e o conhecimento oriundo da prática social entre as áreas de conhecimentos, disciplinas e temas integradores.

Nesse entendimento, o trabalho docente é definido pelo método didático na perspectiva dialética, que é fundamental na organização das práticas pedagógicas da escola, pois, além de definir a forma de organização e de abordagem dos conteúdos escolares, evidencia os direitos de aprendizagens.

Considerando uma boa organização pedagógica, o planejamento docente é indispensável e obrigatório, envolvendo, minimamente, dois momentos de construção de planos: o **Plano Anual de Ensino**, construído no início do ano letivo, e o **Plano de Atividade Docente** (plano de aula), que pode ser quinzenal ou mensal, de acordo com a definição da escola.

Plano Anual de Ensino - Os planos de ensino devem ser organizados por áreas de conhecimento e realizados no âmbito escolar, devendo conter os elementos essenciais à organização do processo de aprendizagem e de ensino em cada período do ano letivo, bem como as aprendizagens esperadas, os conteúdos a serem trabalhados, as metodologias de ensino, as formas e os instrumentos de avaliação.

Plano de Atividade Docente (Aula) - Os planos de aula devem orientar o professor na prática pedagógica diária, ressaltando, no método de ensino, a aprendizagem esperada, a problematização inerente à prática social dos alunos, a instrumentalização que compreende o conteúdo, procedimentos metodológicos e recursos necessários no desenvolvimento da aula e, ainda, a avaliação da aprendizagem no que tange à forma e instrumentos avaliativos.

É necessário que o Plano Anual de Ensino e, conseqüentemente, o Plano de Aula sejam elaborados por área de conhecimento e realizados no ambiente escolar. Isso demanda uma reorganização escolar com definições acordadas em reuniões de planejamento.

❖ PLANEJAMENTO NA ESCOLA – O QUE FAZER PROFESSOR?

- Elaborar o planejamento anual por série;
- Elaborar o planejamento bimestral e/ou mensal e seus desdobramentos para o cotidiano de sala de aula;
 - Identificar as interfaces do trabalho com as demais séries (o que pode ser trabalhado de forma integrada);
 - Elaborar rotinas de trabalho - plano de aula;
 - Avaliar permanentemente o que foi planejado, o que foi desenvolvido e as aprendizagens alcançadas pelos estudantes;
 - Identificar os estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem e coletivamente com a equipe escolar, planejar o apoio pedagógico necessário;
 - Ajustar o ensino às possibilidades de aprendizagem dos estudantes, considerando o trabalho integrado das séries na seleção de conteúdos e definição do tratamento metodológico que poderá ser desenvolvido;
 - Participar dos encontros de formação continuada, contribuindo para a reflexão sobre os problemas e desafios apresentados pelo grupo, compartilhando suas experiências e dúvidas contribuindo, assim, para o fortalecimento do trabalho coletivo na escola.

❖ AÇÃO – REFLEXÃO – AÇÃO

A ação reflexiva no processo de ensino e aprendizagem é claramente notada quando se identificam os desafios que surgem na prática em relação com o que foi planejado. Isso é absolutamente natural, o que é planejado nem sempre se concretiza, surgem novidades e imprevistos, que mudam os caminhos e nos provocam novos encaminhamentos. Logo, a reflexão deve estar presente em todo processo pedagógico.

As respostas a esses desafios fazem parte do dia a dia, culminando num vasto repertório curricular e de práticas avaliativas que sintetizam explicações sobre o que realmente aconteceu no processo e no resultado da ação que seria a aprendizagem discente.

Como educadores, nosso “lugar” na sociedade facilita o trabalho reflexivo, e, ainda, nossa posição nos constrange à reflexão, sob pena de perpetuarmos o que já existe indefinitivamente. O que nos difere dos demais é justamente a possibilidade de pensar novas lógicas, estabelecer coerências sistemáticas, relacionar o que vivemos com a própria história do pensamento e transformar tudo isso em “ação-reflexão-ação”. (BASTOS, p.89, 2015).

Identificar os desafios pressupõe a definição de estratégias inusitadas, superação de limites, conquistas pessoais, relação entre conhecimentos, autonomia investigativa, pesquisa científica investigativa e uma infinidade de aprendizagens que atendem bem às expectativas da atualidade.

A prática reflexiva que envolve o currículo escolar e, conseqüentemente, a avaliação da aprendizagem não pode perder de vista a ação educativa mais global que se reflete no cotidiano escolar e retorna ao contexto, como uma versão mais elaborada cientificamente. Avaliar é sempre demarcar referências num processo mais amplo de formação humana. Nesse sentido, avaliar assume um caráter informativo e formativo, que traduz seu aspecto qualitativo.

5.2 Reflexão e avaliação no Ensino Médio

O currículo e avaliação precisam ser concebidos numa dimensão indissociável, pois as competências e habilidades a serem ensinadas são as que devem ser avaliadas. Numa primeira abordagem, a avaliação seria mediadora do processo de ensino e aprendizagem e teria como papel fundamental saber em que medida os direitos de aprendizagem estão sendo alcançados.

No entanto, avaliar aprendizagens e o desenvolvimento de competências e habilidades como direitos dos estudantes no ensino médio exige a desconstrução de práticas históricas de avaliação, que ainda são centradas na prova como principal e único instrumento, ou seja, avaliações pontuais. Práticas equivocadas focadas em medir, com ênfase na recuperação da nota e não na aprendizagem, ações onde ensinar e avaliar são concebidos de forma dicotômica, cujas funções são classificar, comparar e selecionar estudantes.

Nossas considerações têm, entre outras referências, o conceito de avaliação de Lukas Mujika e Santiago Etxebarria (2009, p. 91), para os quais avaliação é o processo de identificação, coleta e análise de informações relevantes – que podem ser quantitativas ou qualitativas - de modo sistemático, rigoroso, planejado, dirigido, objetivo, fidedigno e válido para emitir juízos de valor com base em critérios e referências, preestabelecidos para determinar o valor e o mérito do objeto educacional em questão, a fim de tomar decisões

que ajudem a aperfeiçoar o objeto mencionado. Ou seja, a avaliação tem como referência fundamental a tomada de decisão com foco fundamental na aprendizagem.

Com efeito, a prática avaliativa exige um olhar reflexivo e investigativo do professor como postura permanente ao longo desse processo sobre as aprendizagens, em diferentes momentos, com referência sempre na necessidade de reajustamento metodológico tendo em vista a aprendizagem do estudante.

No Ensino Médio, os processos de ensino e avaliação devem instigar no estudante a reflexão, o pensamento, o raciocínio permanentemente em situações desafiadoras que não apenas proporcionarão elementos de análise ao professor, mas também ensinarão o aluno a refletir sobre seu próprio desempenho, pela vivência constante, em que suas capacidades sejam testadas e desenvolvidas. Assim, a apresentação de um seminário, a resolução de um teste de múltipla escolha, por exemplo, podem se configurar tanto num processo de ensino quanto de avaliação, pois o olhar investigativo do professor analisará capacidades e conhecimentos manifestados nestas situações.

Nesse aspecto, entende-se que o uso de apenas um instrumento para a avaliação ou a predominância de um deles é demasiado insuficiente para avaliar a complexidade das capacidades e aprendizagens requeridas nos diversos componentes curriculares. Portanto, é certo afirmar que, quanto maior a diversificação dos instrumentos para a avaliação, melhores condições o professor terá para verificar diferentes aprendizagens e aptidões dos estudantes.

A utilização das estratégias e instrumentos deve estar sempre condicionada e adequada ao contexto, aos objetivos e aos critérios de avaliação do componente curricular e às competências que o professor deseja avaliar. Alguns instrumentos avaliam melhor determinadas capacidades que outros. O professor pode se instrumentalizar de pré-testes, provas escritas e orais, trabalhos, pesquisas em duplas ou grupos, relatórios ou trabalhos escritos individuais ou em grupos, seminários, questionários para grupos, estudos de caso, portfólio individual ou coletivo, webquests e autoavaliação, tendo como postura máxima a observação investigativa.

Cabe ao professor do componente curricular definir os instrumentos que serão utilizados para melhor acompanhar o processo de aprendizagem de seus alunos. Não existem instrumentos específicos de avaliação capazes de detectar a totalidade do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. É diante da limitação de cada instrumento de

avaliação que se faz necessário pensar em instrumentos diversos e mais adequados para que, juntos, cumpram com a complexidade do processo de aprender.

Abaixo, podem-se resumir algumas das principais estratégias e instrumentos avaliativos com algumas definições e orientações para o seu desenvolvimento.

5.2.1 *Observação Investigativa*

Essa postura visa à análise do desempenho do aluno com base em fatos do cotidiano escolar ou em situações planejadas que possibilitem seguir o desenvolvimento do aluno e obter informações sobre as áreas afetiva, cognitiva e psicomotora.

Esta estratégia auxilia o professor a perceber como o aluno constrói o conhecimento, seguindo de perto todos os passos desse processo em construção.

Para evitar que a observação aconteça sem critérios ou se confunda com mera atribuição de nota com base em uma observação pontual, é importante que o professor considere dados fundamentais no processo de aprendizagem e se utilize de registros/fichas e faça anotações periodicamente, no momento em que ocorrem os fatos, evitando generalizações e julgamentos subjetivos.

Outro aspecto importante é a atenção devida à participação em sala de aula. Trata-se de analisar o desempenho do aluno em fatos do cotidiano da sala de aula ou em situações planejadas.

Esta ação permite que o professor perceba como o aluno constrói o conhecimento, já que é possível acompanhar de perto todos os passos desse processo. Reforçamos que é necessário que o professor faça anotações no momento em que os fatos ocorrem, ou logo em seguida, para que sejam evitadas as generalizações e os julgamentos com critérios subjetivos. Desta forma, habilita o professor a elaborar intervenções específicas para cada caso e novas ações sempre que julgar necessário.

A observação exige do professor:

- Elencar o objeto de sua observação (um aluno, uma dupla, um grupo etc.);
- Elaborar objetivos claros (descobrir dúvidas, avanços etc.);
- Identificar contextos e momentos específicos para análise (durante a aula, no recreio etc.);
- Estabelecer formas de registros apropriados (vídeos, anotações etc.).

5.2.2 Registro /fichas

As fichas ou registros em geral têm como função acompanhar o processo educativo vivido por alunos e professores. Por intermédio desse registro, tornar-se-á possível realizar uma análise crítica e reflexiva do processo de aprendizagem.

As fichas podem auxiliar o professor a comparar as anotações do início do ano com os dados mais recentes para perceber o que o aluno já realiza com autonomia e o que ainda precisa de acompanhamento.

Os instrumentos de registro, em geral, servem como uma lupa sobre o processo de desenvolvimento do aluno e permitem a elaboração de intervenções específicas para cada caso. Ainda, contribuem para que os dados significativos da prática de trabalho não se percam e permitam aos educadores perceberem e analisarem ações e acontecimentos, muitas vezes despercebidos no cotidiano escolar.

Alguns recursos podem ser utilizados, dentre eles:

A. Caderno de Campo do professor: registro de aulas expositivas, anotações em sala de aula, projetos, relatos, debates, etc. Pode conter anotações para cada grupo de alunos: anotações periódicas sobre acontecimentos significativos do cotidiano escolar;

B. Diário de Classe - SIAEP: registro de caráter obrigatório que professores fazem para fins pedagógicos e legais;

C. Arquivo de atividades: coleta de exercícios e produções dos alunos, datadas e com algumas observações rápidas do professor. Esse arquivo serve como referência histórica do desenvolvimento do grupo;

5.2.3 Prova Objetiva

A prova objetiva caracteriza-se por ser uma série de perguntas diretas, com respostas curtas e apenas uma resposta possível. Esta prova possibilita avaliar quanto o aluno apreendeu sobre dados singulares e específicos do conteúdo.

É uma estratégia utilizada com frequência pelos professores e poderá abordar grande parte do que o professor trabalhou em sala de aula. No entanto, requer atenção, pois pode ser respondida ao acaso ou de memória e sua análise não permite por si só constatar quanto o aluno adquiriu de conhecimento.

Para tanto, é importante que o professor selecione os conteúdos e capacidades que quer avaliar para elaborar as questões e faça as chaves de correção, elaborando as

instruções sobre a maneira adequada de responder às perguntas. Para isso, é indispensável que o professor liste os conteúdos que os alunos precisam estudar, ensine estratégias que facilitem associações, como listas agrupadas por ideias, relações com elementos gráficos e ligações com conteúdos já assimilados tendo como foco fundamental as capacidades que deseja avaliar ou desenvolver.

Circunstancialmente, o professor pode submeter os estudantes a testes orais, pois, dessa forma, os estudantes expõem individualmente seus pontos de vista sobre tópicos do conteúdo ou resolvem problemas em contato direto com o professor, sendo bastante útil para desenvolver a oralidade e a habilidade de argumentação.

5.2.4 Prova Subjetiva (ou dissertativa)

Caracteriza-se por apresentar uma série de perguntas (ou problemas, ou temas, no caso da redação), que exijam capacidade de estabelecer relações, de resumir, analisar e julgar. Avalia a capacidade de analisar um problema central, abstrair fatos, formular ideias e redigi-las: permite que o aluno exponha seus pensamentos, mostrando habilidades de organização, interpretação e expressão.

O professor precisa definir o valor de cada pergunta, atribua pesos referentes à clareza das ideias, a capacidade de argumentação e conclusão. Se o desempenho não for satisfatório, o professor deve criar experiências e motivações que permitam ao aluno chegar à formação dos conceitos mais importantes.

Eventualmente, o professor pode possibilitar a prova com consulta. Admitindo-se, pois, a consulta de livros ou apontamentos para responder. Se bem elaborada, a prova com consulta pode permitir que o aluno demonstre não apenas o seu conhecimento sobre o conteúdo objeto da avaliação, mas ainda a sua capacidade de pesquisa, de buscar a resposta correta e relevante, além de sua sistematização.

5.2.5 Seminário

O seminário caracteriza-se pela exposição oral, utilizando a fala e materiais de apoio adequados ao assunto. Trata-se de uma estratégia de ensino e avaliação vantajosa, por possibilitar a transmissão verbal das informações pesquisadas de forma eficaz e contribuir para a aprendizagem do ouvinte e do expositor. O seminário sempre se associa a outras

estratégias, pois exige pesquisa, planejamento, registros, debate, organização das informações e visa a desenvolver a oralidade em público.

Para realização dessa estratégia, é importante conhecer as características pessoais de cada aluno para evitar comparações na apresentação, desconsiderando a evolução de um tímido em relação aquele aluno desinibido.

O professor deve ajudar na delimitação do tema, fornecendo bibliografia e fontes de pesquisa, esclarecendo os procedimentos apropriados de apresentação, definindo a duração e a data dessa apresentação, solicitando relatório individual e registros de todos os alunos.

É tecnicamente viável que o professor atribua pesos à abertura, ao desenvolvimento do tema, aos materiais utilizados e à conclusão do trabalho. É fundamental que se estimule a classe a fazer perguntas, emitir opiniões, fazendo circular informações ampliando assim o conhecimento do grupo.

Quando as apresentações não forem satisfatórias, o professor deve planejar atividades específicas que possam auxiliar no desenvolvimento dos objetivos não atingidos.

5.2.6 Trabalho em grupo

É todo tipo de produção realizada em parceria pelos alunos, sempre orientadas pelo professor. Atividades de natureza diversa (escrita, oral, gráfica, corporal etc.)

Estimula os alunos à cooperação e realização de ações conjuntas, propiciam um espaço para compartilhar, confrontar e negociar ideias. É necessário que haja uma dinâmica interna das relações sociais, mediada pelo conhecimento, potencializada por uma situação problematizadora, que leve o grupo a colher informações, explicar suas ideias, saber expressar seus argumentos.

Permite um conhecimento maior sobre as possibilidades de verbalização e ação dos alunos em relação às atividades propostas.

É necessário considerar as condições de produção em que ocorrerão: o tempo de realização, o nível de envolvimento e de compromisso dos alunos, os tipos de orientações dadas, as fontes de informação e recursos materiais utilizados.

O trabalho em grupo favorece o desenvolvimento do espírito colaborativo e a socialização, possibilitando o trabalho organizado em classes numerosas e a abrangência de diversos conteúdos.

É importante ressaltar que propor o trabalho em grupo para os alunos não é deixá-los desassistidos ou sem apoio. É indispensável que o professor proponha uma série de atividades relacionadas ao conteúdo a ser trabalhado, fornecendo fontes de pesquisa, ensine os procedimentos necessários e indique os materiais básicos para a consecução dos objetivos.

O professor deve observar, ainda, se houve participação de todos e colaboração entre os colegas, atribuindo valores às diversas etapas do processo e ao produto final. Em caso de problemas de socialização, é recomendada a organização de jogos e atividades em que a colaboração seja o elemento principal.

5.2.7 Debate

Os debates são uma ótima alternativa de discussão em que os alunos expõem seus pontos de vista a respeito de assuntos polêmicos.

A ideia é que o estudante aprenda a defender uma opinião fundamentando-a em argumentos convincentes, desenvolva a habilidade de argumentação e a oralidade e aprenda a escutar opiniões diversas com um propósito.

Como o professor pode atuar como mediador?

- Defina o tema, oriente a pesquisa prévia, combine com os alunos o tempo, as regras e os procedimentos; mostre exemplos de bons debates;

- Ofereça oportunidades de participação a todos e não aponte vencedores, pois, em um debate, deve-se priorizar o fluxo de informações entre as pessoas;

- Estabeleça pesos para a pertinência da intervenção, a adequação do momento de uso da palavra e a obediência às regras combinadas;

- Solicite, ao final, relatórios ou produções que contenham os pontos discutidos.

Como proposta, se possível, o professor deve filmar a discussão para análise posterior.

5.2.8 Relatório ou Produções

Textos produzidos pelos alunos, individual e coletivamente, depois de atividades práticas ou projetos temáticos, são fundamentais como tarefa avaliativa, pois possibilitam averiguar se o aluno adquiriu conhecimento e se conhece as estruturas de texto.

Os textos possibilitam avaliar o real nível de apreensão de conteúdos depois de atividades coletivas ou individuais, como pesquisa, seminário e debates, por exemplo.

No entanto, o professor deve evitar julgar a opinião do aluno. O mais importante é que seja definido o tema e que a turma seja orientada sobre a estrutura apropriada (introdução, desenvolvimento, conclusão e outros itens que julgar necessários, dependendo da extensão do trabalho), o melhor modo de apresentação e o tamanho aproximado.

O professor deve estabelecer pesos para cada item que for avaliado (estrutura do texto, gramática, apresentação), bem como orientar os alunos sobre os critérios adotados para distribuição de pontos.

Caso algum aluno apresente dificuldade em itens essenciais, crie atividades específicas, indique bons livros e solicite mais trabalhos escritos.

5.2.9 Autoavaliação

Autoavaliação é uma análise realizada oralmente ou por escrito, em formato livre ou direcionado, que o aluno faz do próprio processo de aprendizagem. É importante porque auxilia o aluno a desenvolver a capacidade de analisar suas aptidões e atitudes, pontos fortes e pontos fracos.

Contudo, a autoavaliação não deve ser entendida como uma mera valoração do próprio desempenho pelos estudantes. O aluno só se expressará livremente se sentir que há um clima de confiança entre o grupo e o professor e se essa estratégia for utilizada com critérios para ajudá-lo a aprender.

Assim, o professor deve fornecer ao aluno um roteiro de autoavaliação, definindo as áreas sobre as quais gostaria que ele discorresse, listando habilidades e comportamentos e pedindo para que ele indique aquelas em que se considera apto e aquelas em que precisa de reforço.

O professor deve utilizar esse documento ou depoimento como uma das principais fontes para o planejamento dos próximos conteúdos. Ao tomar conhecimento das necessidades do aluno, sugira atividades individuais ou em grupo para ajudá-lo a superar as dificuldades.

5.2.10 Conselho de Classe

Ouvir os professores das demais áreas sobre o desempenho dos estudantes é de suma importância para que o processo de ensino e aprendizagem se efetive. Assim, o conselho de classe auxilia professores a compartilhar informações sobre a classe e sobre cada aluno para embasar a tomada de decisões; favorece a integração entre professores; a análise do currículo e a eficácia dos métodos utilizados; e facilita a compreensão dos fatos com a exposição de diversos pontos de vista.

Os professores devem fazer sempre observações concretas e não rotulando o aluno; cuidando para que a reunião não se torne apenas uma confirmação de aprovação ou de reprovação.

Conhecendo a pauta de discussão e de posse de seus registros, todos devem apontar os itens que pretendem comentar. Todos os participantes devem ter direito à palavra para enriquecer o diagnóstico dos problemas, suas causas e soluções.

O resultado final deve levar a um consenso da equipe em relação às intervenções necessárias no processo de ensino-aprendizagem, considerando as áreas afetiva, cognitiva e psicomotora dos alunos.

O professor deve usar essas reuniões como ferramentas de autoanálise. A equipe deve prever mudanças tanto na prática diária de cada docente como também no currículo e na dinâmica escolar, sempre que necessário.

5.3 Recursos didáticos

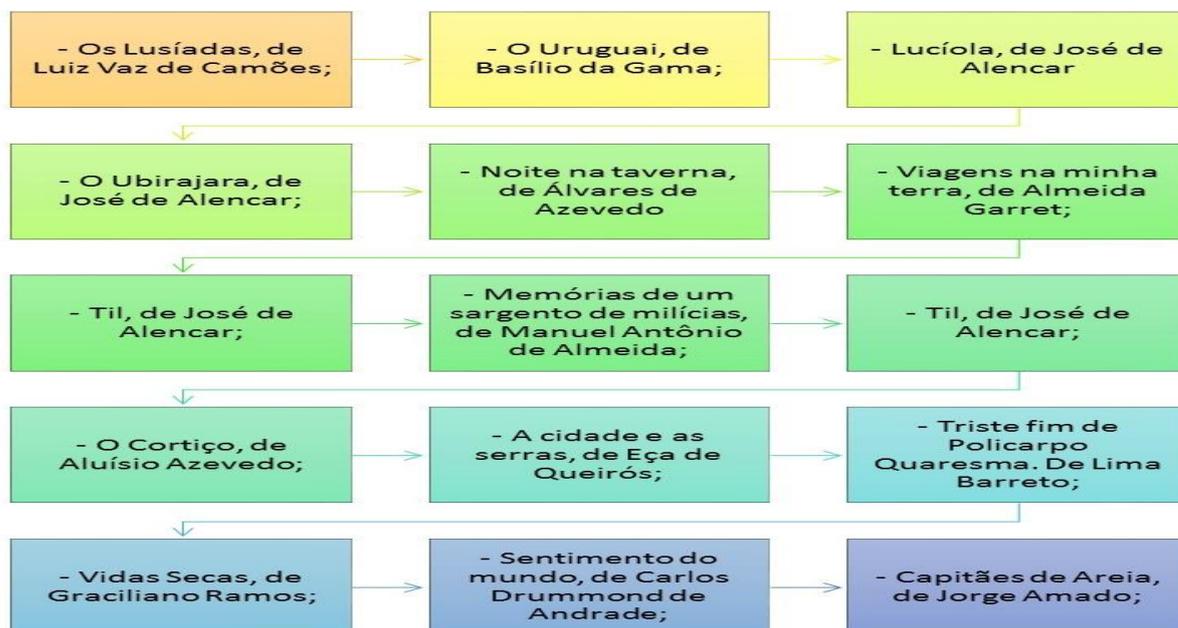
Os recursos didáticos devem ser pensados como ferramentas utilizadas em sala de aula pelos professores para melhorar o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos. A função desses recursos é aumentar e melhorar o entendimento dos alunos em relação aos assuntos trabalhados para que se tornem mais atraentes e fascinantes no processo. O espaço escolar deve ser visto como um espaço de constantes mudanças, onde o aluno possa, de forma participativa, atuar como protagonista do processo, interagindo positivamente na construção do conhecimento. Segundo parecer de Demo (1998. p.45): *“A finalidade específica de todo material didático é abrir a cabeça, provocar a criatividade, mostrar pistas em termos de argumentação e raciocínio, instigar ao questionamento e à reconstrução.”*.

Assim sendo, segue uma lista de sugestões válidas para o uso na prática pedagógica:

SUGESTÃO DE FILMES

- Tempos Modernos;	- Eles não usam black tie;	- Central do Brasil;	- Domésticas – O Filme;	- Minority report;	- V de Vingança;
- O que é isso, companheiro?;	- Spartacus;	- Violação de privacidade;	- Narradores de Javé;	- O vento será sua herança;	- A guerra do fogo;
- Um casamento à indiana;	- Água;	- Uma estranha entre nós;	- Troia;	- Grécia: uma história e seus mitos;	- Gladiador;
- Cleópatra;	- Asterix & Obelix: missão Cleópatra;	- Cruzada;	- O nome da Rosa;	- A vida de Leonardo da Vinci;	- 1492: A conquista do paraíso;
- Lutero.	- Tainá 3 – A Origem;	- À beira do caminho;	- A máquina;	- Janela da alma;	- Uma história de amor e fúria;
	- Capitães de areia;	- Os Estagiários;	- À procura da felicidade;		

SUGESTÃO DE LIVROS



RELAÇÃO DE RECURSOS DIGITAIS - APLICATIVOS ACESSÍVEIS AOS EDUCADORES E ESTUDANTES

DISCIPLINA	MÍDIA	LOCAL	DESCRIÇÃO
Português	Internet (app)	Manual de Redação (AlterEgo Apps)	Aplicativo com dicas para fazer uma boa redação
Português	Internet (app)	Conjugador Português (Cilenis)	Aplicativo que conjuga e pratica todos os verbos
Português	Internet (app)	Quiz de Português (Estácio)	Aplicativo de perguntas que exercita a gramática
Português	Internet (app)	Sintaxe na boa! (Na boa!)	Aplicativo que exercita a sintaxe
TODAS	Internet (app)	Brainly – estude com a gente	Aplicativo que apresenta várias questões resolvidas e tira-dúvidas
TODAS	Internet (app)	ENEM 2016 (Papyrus Apps Brasil)	Aplicativo de simulados
TODAS	Internet (app)	Descomplica: Foco no ENEM 2016	Aplicativos com videoaulas de todas as disciplinas

SITES PEDAGÓGICOS DISPOSIÇÃO DOS EDUCADORES E ESTUDANTES - PORTAIS EDUCACIONAIS

TV ESCOLA

<http://tvescola.mec.gov.br/tve/home>

KIT DVD ESCOLA (LOCALIZADO NA PRÓPRIA ESCOLA)

DVDESCOLA V01 –

<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publications/1436540773375.pdf>

DVDESCOLA V02-

<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publications/1436540337564.pdf>

DVDESCOLA V05-

<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publications/1436539551810.pdf>

BANCO INTERNACIONAL DE OBJETOS EDUCACIONAIS

<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/>

PORTAL EDUCACIONAL DO MEC

<http://webeduc.mec.gov.br/>

TECA CONTEUDO LIVRE

<http://teca.cecierj.edu.br/>

DOMINIO PUBLICO

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

PREPARATORIO ENEM

<https://geekiegames.geekie.com.br/>

PORTAL PEDAGÓGICO DAS EDITORAS

<http://novo.portalpedagogico.com.br/>

PORTAL DO PROFESSOR

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>

GRAMÁTICA ON LINE

<http://www.gramaticaonline.com.br>

ESCREVENDO O FUTURO

www.escrevendoofuturo.org.br

SÓ PORTUGUÊS

www.soportugues.com.br

EQUIPE DE ELABORAÇÃO/ORGANIZAÇÃO - FICHA TÉCNICA**COORDENAÇÃO GERAL:**

PROF^a NÁDYA CHRISTINA GUIMARÃES DUTRA
PROF^a MESTRE SILVANA MARIA MACHADO BASTOS

TEXTOS INTRODUTÓRIOS:

NÁDYA CHRISTINA GUIMARÃES DUTRA
SILVANA MARIA MACHADO BASTOS
ALEXANDRINA COLINS MARTINS

ALBELITA LOURDES MONTEIRO CARDOSO

FRANCISCA DAS CHAGAS PASSOS SILVA
PATRÍCIA MARIA DE MESQUITA SOUZA
LUDMILLA FURTADO MORAIS

SUZANA LOPES DE CASTRO

MARIA CÉLIDA DE MESQUITA COSTA

MELBA MARIUX AYALA PAZ

DELICIMARA RIBEIRO BATISTA

EVERALDO SILVA DAS CHAGAS

IÊDA MARIA RIBEIRO DOS SANTOS CASTRO

TEREZA CRISTINA GUSMÃO

PROFESSORES ESPECIALISTAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

ALBELITA LOURDES MONTEIRO CARDOSO

CRISTIANE ARAÚJO LIMA

ELIÚDE COSTA PEREIRA

FRANCIMONE DA GRAÇA BARROS DUTRA

MARIA JOSÉ CÂMARA

NAZELDO PEREIRA CRUZ

NIEDJA DUARTE DO NASCIMENTO MORAES

ROSÂNGELA DINIZ SOARES

REVISÃO TEXTUAL

JEOVAH SILVA FRANÇA

EDIÇÃO

ISRAEL ARAÚJO SILVA

REFERÊNCIAS

WACHOWICZ, Lilian A. O Método dialético em Didática. Curitiba, 1988, p.14. Tese (Professor Titular)- DMTE- Setor de Educação- Universidade Federal do Paraná.

BAKUNIN, M. Estadismo e Anarquia. São Paulo. No Sul Imaginário 2003, p. 78.

NININ, Maria Otilia Guimarães. Pesquisa na escola: que espaço é esse? O do conteúdo ou o do pensamento crítico? In: Educação em revista, n. 48. Belo Horizonte, Dez. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2012. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, Seção 1, p.10,24/01/2012. Resolução nº 02, de 30 de janeiro de 2012.

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e política cultural. In: _____ (Org.) O currículo nos limiares do contemporâneo. 3 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

COSTA, Marisa Vorraber. Ensinando a dividir o mundo; as perversas lições de um programa de televisão. Revista Brasileira de Educação, n. 20, maio/Jun/Jul/ago 2002.

AZEVEDO, José C., SANTOS, Edmilson S. (Orgs.) *Identidade Social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: SMED/RS, 1997.

BRIANT, Maria Emília Pires and OLIVER, Fátima Corrêa. Inclusão de crianças com deficiência na escola regular numa região do município de São Paulo: conhecendo estratégias e ações. *Rev. bras. educ. espec.*[online]. 2012, vol.18, n.1, pp. 141-154. ISSN 1413-6538.

GIROUX, Henry. O filme KIDS e a política de demonização da juventude. *Educação & Realidade*, v. 21, n. 1, jan./jun., 1996.

DIRETRIZES CURRICULARES ESTADUAIS – GOVERNO DO MARANHÃO – SEDUC, 2014.

BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa em educação matemática: concepções e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CERTEAU, M. L'opération historiographique. In: LE GOFF, J; NORA, P. **Faire de l'histoire**. Paris: L'Éditions Gallimard, 1974.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 135 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 2)

<http://www.icebrasil.org.br/wordpress/index.php/programas/educacao-de-qualidade/escolas-em-tempo-integral/preparacao-para-a-vida/> Acessado em Junho de 2016.